II Série — Ano I — N.º 12
Sábado, 3 de Abril de 1948

DIRECTOR E EDITOR:
A. J. MENDES (CEREJO)

CHEFE DA REDACÇÃO:
MANUEL ALPIARÇA

PREÇO 1$00

Redacção e Administração:
R. Janelas Verdes, 47-2.º-Lisboa

Composto e impreso na
GRÁFICA BOA NOVA, LD.ª

O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

ASSOCIAÇÕES PATRONAIS

Existem nos principais países do Oeste europeu associações patronais com carácter exclusivamente social e moral, isto é, associações destinadas a orientar os industriais no cumprimento dos seus deveres morais e sociais.

Recebemos na nossa Redacção o «Boletim dos Industriais Cristãos da Bélgica», e temos procurado manter contacto com os da França. Iremos, pouco a pouco, obtendo informações das iniciativas de outros países — que sabemos serem extremamente interessantes — como da Suíça, Holanda e Itália.

Já neste jornal temos feito referência, uma ou outra vez, ao «Boletim» dos Industriais Belgas, à sua largueza de vistas e belo espírito de compreensão.

O último número recebido — o do mês de Fevereiro de 1948 — além de um interessante artigo sobre o trabalho de equipa entre industrial, técnico e operário, publica o acordo entre a Federação dos Patrões Católicos e a Confederação dos Sindicatos Cristãos, que há já quinze dias publicamos neste jornal, e toda uma série de artigos que são outros tantos estudos sobre a maneira actual de resolver o problema social. Poderíamos publicá-los todos no nosso jornal, que os nossos leitores bem contentes ficariam ao saber que dimanavam de... industriais.

A revolução social está-se fazendo ali de baixo para cima e de cima para baixo, em movimentos convergentes para o ponto central da paz entre as classes. Dá gosto, dá alegria ler este «Boletim»! Verificar a clareza das palavras, a boa-vontade, o Espírito novo que nos impressiona e nos leva à convicção de que chegou enfim o momento de se resolver o problema social, por serem os industriais quem toma a iniciativa e se dirige abertamente ao mundo do trabalho a propor a paz e a estudar a melhor maneira de a realizar.

Dizia-nos, há pouco, alguém que procedíamos mal em trazer para cá problemas que só se põem lá fora e que não se puseram ainda entre nós.

Não concordamos. Primeiro, porque temos posto os problemas humanos e morais, que tanto existem lá fora como cá. Por essa razão, comentava alguém do lado, foi uma grande maçada ter trazido cá para dentro os mandamentos da lei divina. Vivia-se «melhor» sem eles...

Em segundo lugar, dando de barato que alguns problemas se não põem ainda cá,

(Continua na 4.ª página)

ASPECTOS SOCIAIS DA INDÚSTRIA
NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

As ideias que correm sobre a organização industrial nos Estados Unidos da América, deixam muitas vezes de corresponder à verdade.

Seguindo estudos sérios e números estatísticos, proporcionaremos aos nossos leitores conhecimentos certos, ainda que incompletos em muitos assuntos, sobre diversos aspectos da vida industrial e das relações sociais do trabalho nesse grande país. Atendendo à vastidão do assunto, teremos de desdobrar este estudo, que publicaremos aqui em números sucessivos.

A primeira coisa que pode chocar-nos é a existência de pequenas oficinas e pequenas fábricas, trabalhando ao lado de empresas gigantescas e explorando os mesmos ramos da indústria.

Estatísticas recentes mostram-nos que 85 % das firmas industriais existentes, empregam menos de 50 operários cada uma, e 12 % empregam de 50 a 250. Só 3 % são, portanto, consideradas grandes empresas. O total dos trabalhadores nas pequenas e médias indústrias é de cerca de uma quarta parte do número global dos operários americanos.

E o mais interessante é verificar-se que são precisamente as pequenas indústrias, de carácter quase familiar e de artesanato, que apresentam o maior rendimento individual, não conseguindo as grandes empresas igualá-las neste aspecto, apesar das suas possibilidades de organização e das pesquisas científicas a que podem proceder.

Todavia, precisamente devido a esta organização e a estas pesquizas, o trabalho individual nas grandes empresas segue de perto o das pequenas, deixando ambas muito para trás o rendimento dos operários das empresas médias.

Na indústria da borracha, que apresenta pouco mais ou menos a distribuição da indústria em geral, há quatro grandes sociedades empregando 300.000 operários contra cerca de 100.000 ocupados em 50 fábricas médias e um elevado número de pequenas casas.

A produção das sociedades gigantes, uma das quais emprega 80.000 trabalhadores e realiza anualmente 900 milhões de dolares, não se encontra também concentrada em uma ou duas mas em bastantes fábricas, das quais poucas empregam mais de 5 a 6.000 operários, havendo umas 30 com cerca de 4.000. As diversas unidades da mesma empresa encontram-se espalhadas, segundo diversas conveniências, por todo o território da União.

A indústria da borracha ocupa cerca de 6 a 7 % dos operários americanos, que são apenas 7.800.000.

Os elementos que aqui apresentamos levam-nos a fazer duas considerações principais. A primeira nasce do número pequeníssimo dos trabalhadores na indústria, em relação com a totalidade da população e com a imensa produção industrial. O facto explica-se pelo enorme rendimento do trabalho de cada operário devido a motivos variados e interessantíssimos a que mais tarde nos referiremos.

A segunda consideração, que somos levados a fazer, é a que nos sugere o facto de o trabalho nas pequenas empresas ter rendimento ainda superior ao das grandes sociedades, não obstante os imensos recursos científicos e de organização de que estas dispõem.

É certo que mesmo as mais pequenas casas estão apetrechadas com máquinas convenientes e empregam energia barata.

Porém, o grande segredo reside no interesse de todos os trabalhadores pela casa em que trabalham, interesse que é captado pelo salário máximo, pelas óptimas condições de trabalho e pela convivência, pela amizade e lealdade existente entre patrões e operários.

Nota: — No artigo que publicamos no nosso número de 27 do mês findo, sobre a indústria metalúrgica, passou uma gralha tipográfica que se torna necessário rectificar. A metalurgia na América, ocupa 900.000 operários e não 9.000.000, como se publicou no artigo citado.

FORUM ABEL VARZIM
DESENVOLVIMENTO
Todos os direitos reservados

«O TRABALHADOR» EM BRAGA

Entre os operários da cidade e distrito de Braga conta «O Trabalhador» um muito elevado número não só de leitores mas também de amigos dedicados.

Prova dessa amizade foi a campanha por esses operários realizada em favor de «O Trabalhador», no dia 19 de Março último.

Aqui deixamos a todos os que nela participaram o nosso mais comovido agradecimento.

O «TRABALHADOR» VAI LANÇAR ENTRE OS SEUS LEITORES DOIS GRANDES INQUÉRITOS

1.º — Este jornal é do povo trabalhador. É um jornal de todos os que estão sujeitos a um contrato de trabalho. Tem de ser feito com a colaboração de todos: operários manuais, empregados de balcão e de escritório.

Para que realmente seja de todos, vamos lançar um grande inquérito entre os nossos leitores sobre o nosso jornal. Satisfaz? Não satisfaz? Que erros lhe encontra? Que orientação deveria seguir?

Estas e outras perguntas fá-las-emos, de maneira sistemática, no próximo número.

Não publicaremos as respostas ao inquérito, mas nomearemos um juri, composto de pessoas competentes, para apreciar as respostas. Às melhores serão atribuídos prémios.

Veja o próximo número.

2.º — O segundo inquérito será dirigido às nossas leitoras, às esposas e às filhas dos nossos leitores. Versará sobre o futuro da mulher.

A mulher no lar? A mulher no emprego, na fábrica, nos trabalhos exteriores? Ou a mulher casada a cuidar do seu marido e filhos, a pensar no arranjo do lar?

Este inquérito será publicado, pelo menos nos seus resultados, e terá também os seus prémios.

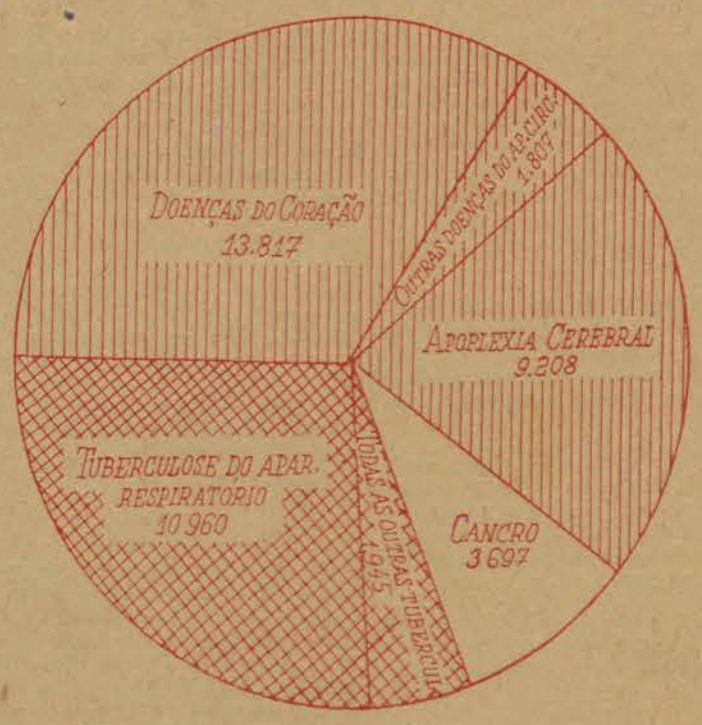
Leia o próximo número!

UMA OBRA ADMIRÁVEL
DE ASSISTÊNCIA SOCIAL
O CENTRO DE CARDIOLOGIA DE COIMBRA
O QUE É, O QUE PRETENDE E O QUE TEM REALIZADO

O Centro de Cardiologia Médico-Social de Coimbra exerce entre nós um papel importantíssimo de assistência material e moral a uma categoria de doentes com os quais, em geral, pouca gente se preocupa.

Não são razões únicas para faltar ao trabalho a quebra dum braço ou duma perna. Casos há em que os patrões ou encarregados duvidam das razões apresentadas pelo operário ou empregado a justificar a sua falta ao serviço. Estão neste número, quase sempre, os doentes do coração.

Isto verifica-se porque as afecções orgânicas do coração, ao contrário do que sucede com outras doenças, como por exemplo, a tuberculose, o cancro, o sezonismo, não têm suscitado grande curiosidade tanto das entidades particulares como públicas.



A razão ou razões deste desinteresse, explica-as o sr. dr. João Porto, director daquele Centro, e um dos pioneiros, em Portugal, do estudo destas doenças:

—«Julga-se, diz ele, ser a cardiopatia doença rara e julga-se que, uma vez ela instaurada, siga inexoràvelmente a sua evolução em marcha vertiginosa, sem haver nada que a possa deter ou corrigir.

Duplo engano:

Primeiro: a cardiopatia é a doença que mais se compraz com a produção de vítimas e o desnível de frequência, em relação às motivadas por outros processos mórbidos, é tanto maior quanto mais elevado for o nível económico e sanitário do país onde tal se considere.

Por doença pròpriamente do coração morreram em Portugal, em 1946, 13.817 indivíduos. Por tuberculose pulmonar, 10.960; por tuberculose de outras localizações, 1.945. Estes dois números somam 12.905.

Quer dizer: Em Portugal morre-se mais por cardiopatia do que por tuberculose de todas as formas clínicas e localizações orgânicas, o que muita gente em Portugal ignora».

Aquele distinto professor acrescenta que se se considerar a totalidade das afecções do aparelho circulatório que constituíram causa obituária a diferença é ainda mais expressiva.

Diz ele textualmente: A soma dos casos de doenças do coração, outras doenças do aparelho circulatório e apoplexia foi, em 1946, de 24.832, cifra quase dupla da dos casos de morte para todas as formas da tuberculose.

(Continua na 8.ª página)

NOTICIÁRIO DA SEMANA

DO PAÍS

A vila de Campo Maior recebeu 206 contos de comparticipação, pelo Fundo do Desemprego, destinados ao abastecimento de águas.

A Câmara Municipal de Trancoso recebeu também a comparticipação de 250 contos para o mesmo fim.

— Começou a ser demolido o antigo Hotel de Inglaterra para execução do plano da Câmara Municipal de Lisboa de transformação da Praça dos Restauradores.

— Por ter atingido o limite de idade, deixou o seu cargo de Governador Militar de Lisboa o general D. Fernando de Sousa Coutinho, a quem foi prestada significativa homenagem pela guarnição da capital, a que se associou o Ministro da Guerra.

— O mar voltou a investir contra o velho molhe-cais de Lagos, chegando a desligá-lo completamente do ponto da lota de peixe, o que causa sérios prejuízos àquela classe trabalhadora.

— Violento incêndio destruiu uma fábrica de cerâmica, serração e carpintaria, em Tondela, ficando sem trabalho mais de 250 operários.

— Foi criada a nova carreira aérea entre Lisboa e Sevilha, pelos Transportes Aéreos Portugueses.

— Foi lançado à água, em Inglaterra, o novo paquete «Angola», da Companhia Nacional de Navegação, de 12.800 toneladas e com a velocidade de 18 nós.

— Uma explosão destruiu a fábrica de pólvora próximo de Vizela, propriedade do fogueteiro João Pinto, de 67 anos. Morreu o proprietário, um filho de 32 anos, e mais dois homens que na ocasião ali se encontravam.

— Vão ser adquiridos na Holanda reprodutores bovinos leiteiros de boa casta, cuja verba está fixada em dois mil contos.

— Vai ser ampliada, em S. Jacinto, a Escola de Aviação Naval «Almirante Gago Coutinho».

— Iniciaram-se os trabalhos de construção do novo cinema «S. Jorge», em Lisboa, que terá lugar para duas mil pessoas e fica situado a meio da Avenida da Liberdade.

— Entre as estações de Noemi e Freinada, na linha da Beira Alta, foi inaugurada a nova ponte do rio Côa, importante obra de engenharia, com cerca de trezentos metros de comprimento e sessenta de altura, cuja despesa se eleva a onze mil contos.

— Em Salzedas, uma pequenita de 11 anos, partiu pela décima vez a perna direita, ao descer a escada de poucos degraus que vai da casa de residência para o quintal. A infeliz criança seguiu para o Porto a fim de receber tratamento.

— Com o fim de atenuar a crise de trabalho em Évora, foi concedido, pelo Fundo do Desemprego, um subsídio de 200 contos ao Governador Civil daquela cidade alentejana, que vai empreender a execução de várias obras.

— Foi criada a «Delegação das Novas Instalações para os Serviços Públicos» para efectivar a concentração entre o Terreiro do Paço e o Cais do Sodré, dos principais departamentos dos Ministérios dispersos por vários pontos da capital.

O plano das obras do porto de Lisboa, há pouco aprovado pelo Governo, prevê interessantes modificações na área próximo ao Largo do Corpo Santo.

— A estação do Rossio inaugurou novos melhoramentos no pavimento inferior, frente ao Largo de D. João da Câmara. Encontram-se ali, devidamente instaladas, as bilheteiras e secção de informações.

— Em Queluz de Baixo, inaugurou-se a luz eléctrica, o que deu motivo a grande manifestação de regosijo da população.

— Desabou parte da muralha entre o Terreiro do Paço e o Cais do Sodré, no sitio onde prosseguem as obras de ligação daqueles dois pontos da capital.

Não houve desastres, mas o facto causará atrazo na inauguração do trânsito.

— O Aeroporto de Lisboa vai ser beneficiado com pavimentação, esgotos e travessias para ampliação da plataforma de estacionamento, obra orçamentada em cerca de cinco mil contos.

DO ESTRANGEIRO

Os meios bem informados de Washington dizem que a bomba atómica será utilizada, em caso de conflito, no interesse dos Estados Unidos e das nações que estejam pelo seu lado.

— Os sovietes deram ordem ao Conselho Municipal de Berlim que terminasse com a propaganda anti-russa.

O dr. Otto Suhr, do Conselho Municipal, declarou, depois de esclarecer as suas razões, ser inaceitável aquela ordem.

— O Governador de Nova Iorque declarou que a guerra é inevitável. Por sua vez, o embaixador russo em Londres afirmou que «provàvelmente não haveria guerra tão cedo porque nenhum povo do mundo a deseja».

— O Senado norte-americano aprovou o projecto de lei de auxílio militar à Grécia e à Turquia de 275 milhões de dolares.

— Admite-se a hipótese de as autoridades britânicas, francesas e americanas continuarem em Berlim, mesmo que a Rússia deseje a sua retirada.

A imprensa americana chama a atenção dos aliados para que não se deixem intimidar com as manobras russas destinadas a afastá-los de Berlim.

— A Grécia e a Turquia concluiram um acordo sobre «política comum».

— Na Inglaterra, os comunistas não podem exercer cargos oficiais de responsabilidade, o que levou um deputado, em carta ao «The Daily Telegraph», a dizer: «afastar os comunistas dos serviços de segurança, mas mante-los no ensino, é o mesmo que aferrolhar as portas da frente, deixando loucamente abertas as das trazeiras».

— No caso de se provar que a Rússia interveio na recente crise checoslovaca, os membros das Nações Unidas podem ser chamados a tomar uma acção colectiva contra a «agressão indirecta» — advertiram os Estados Unidos — baseados no art. 51.º da Carta que dá a todos os membros «o direito de defesa individual ou colectiva».

— Prevê-se não haver qualquer alteração no respeitante à ocupação americana na Alemanha, por se aceitar que as quatro potências teriam chegado já a acordo.

—Sir Alexander Cadogan, segundo o «New York Herald Tribune», afirmou no Conselho de Segurança que «a Grã-Bretanha está disposta a deter a Rússia, mesmo com o risco da guerra».

— A Dinamarca toma precauções militares e suspendeu a demolição dos abrigos anti-aéreos.

Receia-se que a Rússia se proponha exercer pressão sobre a Dinamarca.

— Bevin disse nos Comuns que os funcionários comunistas ou fascistas que forem demitidos não receberão indemnizações.

— Montgomery vai, nos primeiros dias do mês de Abril à Alemanha conferenciar com o comandante-chefe das forças inglesas de ocupação.

— Em 5 de Abril recomeçam as relações comerciais franco-espanholas, aguardando-se para breve também o recomeço das relações entre a América e o país vizinho.

— O director de uma grande fábrica de aviões, Gleen L. Martin, revelou que os Estados Unidos podem produzir nuvens rádio-activas que matam quem cheque ao contacto com elas

— Os Estados Unidos deixaram de apoiar a decisão da O. N. U. quanto à Palestina por admitir a intervenção russa na sua partilha, o que preocupa sèriamente os observadores da complicada situação.

— Um grupo de 150 deputados ingleses pedem a suspensão da pena de morte pelo crime de assassínio, substituída pela pena de prisão por toda a vida.

— Truman defende a necessidade de se conseguir uma trégua entre árabes e judeus, para evitar uma tragédia na Palestina.

—Foi fuzilada a primeira mulher na China, pelo crime de alta traição — a princesa manchu Ioshiko-Kanashima, acusada de espionagem a favor do Japão.

— O Governo inglês refutou as acusações russas, segundo as quais as conversações franco-anglo-americanas, realizadas em Londres, sobre a Alemanha, constituíam violação do acordo de Potsdam, e concluía a sua nota afirmando «não estar disposta a aceitar as conclusões que o Governo soviético pretende tirar».

Marshall, por sua vez, afirmou que os representantes soviéticos no Conselho de Fiscalização Aliado em Berlim têm prejudicado os esforços americanos para tornar aquele Conselho um órgão efectivo.

— Segundo o «Journal de Géneve», os sovietes formaram em redor de Berlim um círculo de tropas especiais, o que não é tomado ao trágico pelos aliados, embora se admita que a sua aviação receba reforços substanciais por estes dias.

— A Turquia restabeleceu os serviços de defesa passiva e constituiu grupos especiais para dar combate contra eventuais desembarques e aos paraquedistas.

— Árabes e judeus tiveram tréguas em sexta-feira da Paixão, enquanto se realizavam, em Jerusalém, as procissões de penitência dos católicos.

— Os Ministérios dos Estrangeiros inglês e americano têm estudado a possibilidade de substituir o mandato britânico na Palestina por uma curadoria das Nações Unidas.

— O Departamento do Exército Americano revelou que continuam ao serviço os *vinte mil* oficiais de reserva que deviam ser desmobilizados.

— Ultimamente têm sido avistados submarinos desconhecidos na costa americana.

A 100 quilómetros da costa da Califórnia foi avistado outro submarino desconhecido pela tripulação de um «Clipper» da Pan-Americana, que o viu submergir ao descer o vôo sobre ele.

Os Estados Unidos vão enviar para o mar algumas unidades em observação.

— O vice-governador militar americano da Alemanha manifesta esperança na fusão económica da zona soviética com a anglo-americana.

— A Rússia informou a Inglaterra de que está a estudar a proposta anglo-americana para restituição de Trieste à Itália.

— Em Itália continua a apreensão de muitas armas e munições, feita pela polícia.

— Em Ohio caiu chuva verde, que manchou os guarda-chuvas, o vestuário e as casas pintadas de branco.

— A Conferência sobre a Liberdade de Informação tem decorrido activa, havendo necessidade, muitas vezes, de refutar as observações e propostas soviéticas e as dos representantes dos países sob a sua «protecção». O delegado inglês afirmou que uma Imprensa amordaçada é uma má Imprensa.

— O governo dos Estados Unidos, segundo afirma Drew Pearson no «Daily Mirror» teria resolvido pôr novamente em execução o plano de «empréstimo ou aluguer» para a Europa. O plano em estudo prevê o armamento, pela América, de 40 divisões francesas, envio de armas para a Itália, armas e navios à Noruega e considerável reforço da R. A. F.

— As forças governametais chinesas derrotaram 20 mil comunistas na Mongólia Interior, calculando-se em 10 mil as baixas.

— Um avião procedente de Nova Delhi despedaçou-se no Monte Cardo, morrendo carbonizadas as 19 pessoas que iam a bordo, 15 passageiros e 4 tripulantes.

— O rapto de crianças na Grécia continua, o que levou o ministro dos Estrangeiros de Atenas a fazer um apelo à O. N. U. e à UNESCO contra a sua transferência para os países «amigos» da Rússia. Diz o referido ministro que «crianças dos 13 e 14 anos estão a ser atraídas e arrancadas aos país para serem instruídas no ódio às suas famílias e à sua religião» sendo grave o estudo demorado da comissão para os Balcãs das Nações Unidas.

— O Papa dirigiu uma mensagem ao mundo, escutada na Praça de S. Pedro por mais de trezentas mil pessoas, entre as quais muitos peregrinos estrangeiros.

Pio XII fez um apelo a todos a favor da paz, qualificando este período de espectativa «de acontecimentos mundiais talvez decisivos ou irreparáveis».

— O senador Pepper pediu a Truman que se aviste pessoalmente com Estaline «a fim de tentar um derradeiro esforço para encontrar uma base de cooperação e de paz entre os Estados Unidos e a Rússia».

— Segundo o «Observer», de Washington, «parece que o Governo americano tenciona enviar tropas para manter a ordem na Palestina se não conseguir convencer o governo britânico a manter ali as suas forças de ocupação».

— O jornal «Herald Tribune» lembra que «os ataques da Imprensa russa à Noruega e à Suécia e o perigo que pesa sobre a Finlândia pode levar os países escandinavos a uma aliança formal».

C.

Planalto

COMUNIDADE E GREGARISMO

Vimos no último número de «O Trabalhador» quais eram os fundamentos para se estabelecer uma diferença entre *sociedade* e *comunidade*. Repetindo em síntese o que dissemos então, podemos resumir, para avivar a memória: Fala-se em sociedade na concepção segundo a qual os agrupamentos humanos seriam apenas simples somas de indivíduos unidos apenas pelos seus interesses; só esses indivíduos contariam, teriam todos os direitos e o agrupamento em si não teria qualquer importância. Assim pensava o liberalismo. Falamos em comunidade para mostrar que existe outra concepção dos agrupamentos humanos, e segundo esta, há um laço real a unir os membros destes, há entre esses membros um destino comum a uni-los — são chamados a trabalhar na mesma fábrica (comunidade de trabalho), a viver no mesmo bairro ou prédio (comunidade de vizinhança) a desenvolverem-se na mesma família (comunidade familiar) a valorizarem o mesmo território, a cumprirem a mesma missão histórica no mundo como membros de uma pátria (comunidade nacional). E a comunidade, o conjunto de todos esses que vivem e trabalham assim unidos pelo mesmo destino merece sacrifícios, e pode exigi-los.

Mas acontece que não há só uma maneira errónea de conceber os agrupamentos humanos. Já nos referimos ao erro do liberalismo. Mas há outro erro, este oposto ao liberalismo, na noção que se faz dos grupos humanos. Não basta pois diferençar a *comunidade* da *sociedade*. É preciso diferençá-la também do *gregarismo*. Esta palavra que vem de um termo latino que significa rebanho usa-se para indicar a tal ideia errada oposta à errada ideia dos liberais.

Para os gregaristas, são os agrupamentos em si que têm todos os direitos, os indivíduos não têm direitos alguns — a sua vida e honra, a sua liberdade estão inteiramente submetidas ao interesse do grupo. Todos nós vimos na nossa época (para não estarmos a falar das passadas) e continuamos a ver, exemplos de gregarismo. Os estados totalitários chamam-se acima porque o Estado é para eles tudo e cada membro do Estado nada conta. A Alemanha hitleriana exigia o sacrifício total dos alemães ao interesse da nação (ou ao que alguns pensavam ser o interesse da nação); hoje, na Rússia Soviética, a vida ou a honra nada são perante o interesse do Partido Comunista. Mas não só as nações podem dar exemplos de gregarismo. Há muitas histórias de famílias em que ao orgulho do «nome da família» ou das suas tradições se sacrifica injustamente a vida dos membros.

O espírito comunitário — aquele espírito que vê nos agrupamentos de que se faz parte algo real que merece o nosso sacrifício e dedicação, algo que é a melhor garantia da nossa liberdade — não se confunde pois com o que podemos chamar *espírito de sociedade* — aquele espírito que não vê nesses agrupamentos senão uma soma de egoísmos individuais — ou com o *espírito gregarista*, que encarna tais grupos como possuidores de todos os direitos e lhes imola a liberdade dos homens.

O que é mais curioso é que, embora contrários no início, tanto o erro do *espírito de sociedade* como o **erro do** *espírito gregarista* acabam por produzir os mesmos efeitos e estão constantemente a originar-se um ao outro. Tomemos o exemplo de uma família constituída com espírito de sociedade — o senhor X e a senhora Y fundaram-na porque viam na vida familiar um certo número de vantagens; abdicaram de um certo número dos seus direitos apenas com o fim de proveito próprio, trata-se mais de um contrato comercial do que de um casamento. Pois bem, ao fim de algum tempo, essa família, essa união, que para eles nenhuma realidade tinha senão a de mera junção dos seus interesses, acaba por se tornar, pelo cansaço e irritações de uma vida sem amor, uma obcessão no seu espírito, como um fantasma a que se sentem escravizados. E os membros de uma família ou de uma nação dominados pelo espírito gregarista, acabam, pela necessidade constante de se defenderem contra as injustiças, acabam por não ver nessa família ou nessa nação mais do que uma soma de egoísmos individuais, acabam por não sentirem qualquer laço a uni-los entre si, acabam por se julgarem tão separados uns dos outros como os de espírito societário.

O caminho é proceder sempre como homens livres, membros de uma comunidade livre. Um filósofo russo, Nicolau Berdiaeff, que morreu há dias em Paris, homem que muito pensou sobre o assunto deste nosso artigo e muito amava a liberdade gostava de citar esta frase de S. Paulo com que terminaremos:

«Porque o Espírito do Senhor é liberdade e onde está o espírito aí está a liberdade».

ORFEÕES PARA TRABALHADORES

Em referência à local publicada no nosso n.º 9 de 13 de Março último, a Casa do Pessoal da Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho, Ld.ª, do Porto, escreveu-nos uma carta donde transcrevemos a seguinte informação:

«*O Maestro Sr. Raúl Casimiro dirige há cerca de 3 anos o corpo coral desta Fábrica, composto exclusivamente por pessoal de ambos os sexos com 80 figuras.*

O orfeão do pessoal da Fábrica Cerâmica do Carvalhinho foi o primeiro que no género se organizou no norte do País com pessoal de ambos os sexos — excepção feita ao da Fábrica Aleluia, de Aveiro — tendo sido também o primeiro a exibir-se em público, integrado em festas da iniciativa da Delegação no Porto da FNAT, à qual desde sempre tem prestado o seu melhor concurso.

Algumas das suas audições têm sido radiodifundidas pelos postos nortenhos, devendo acrescentar-se que se trata de uma das actividades culturais desta Fábrica de maior nomeada no nosso meio, com ensaios aturados todas as semanas, graças aos quais o referido corpo coral atingiu notável afinação que tem sido muito apreciada.

É do nosso conhecimento a existência de outros orfeões de trabalhadores além dos que o nosso colaborador citou na local referida, e todos merecem a nossa consideração pela obra deveras proveitosa que realizam.

No número desses se contava o da Casa do Pessoal da Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho.

FORUM ACTIVO DESENVOLVIMENTO SOLIDARIO
os os direitos reservados

PÁGINA DESPORTIVA

COISAS DO FUTEBOL

Por ALBERTO VALENTE

AS PROVAS OFICIAIS

RECOMEÇARAM COM GRANDE ENTUSIASMO

PARA COMPENSAR A «FOLGA» DO ESPANHA-PORTUGAL

Oito dias depois da ingloria jornada de Madrid, recomeçaram os Campeonatos Nacionais — agora em plena actividade nas suas três Divisões. Evidentemente, que, atenta a aproximação do final da temporada, os resultados dos vários desafios vão assumindo uma importância progressiva, porque neles se queimam os últimos cartuchos para salvação de alguns concorrentes — ao mesmo tempo que os grandes favoritos se aprestam a dar tudo por tudo, com os olhos fitos nas posições de destaque ambicionadas.

As eventualidades próprias do próprio jogo (com todo o seu repertório de golpes de sorte ou de azar, com todas as suas lesões inesperadas, com todas as expulsões de campo e correlativos castigos, etc., etc.) transformam-se assim em autênticas calamidades para os clubes directamente atingidos — dando origem, como contrapartida, a benefícios indirectos entre-ques aos rivais competidores. Esta alusão, neste ensejo da Prova, deve ser apreciada através do único e verdadeiro sentido que lhe queremos dar: — o nosso propósito resume-se a mais uma vez aconselhar «prudência», correcção e lealdade mútuas, visto que, para interesse até dos inúmeros clubes concorrentes, há necessidade de evitar desmandos das suas falanges de apoio, violências dos jogadores e desatenções ao jogo — porque a roda da fortuna pode muitíssimo bem fazer redundar em prejuízo irreparável os deslizes praticados com fito inverso.

Sempre ouvimos dizer que «*quem me avisa... meu amigo é*»! E nesta ordem de ideias, ficamos com absoluta tranquilidade na consciência ao formular este aviso — que não passa, aliás, dum justificado apêlo ao desportivismo de todos os aficionados, sejam eles praticantes ou meros assistentes.

Posta assim a questão, absolutamente generalizada,... como convém, dediquemos os nossos comentários aos sucessos do último domingo.

I DIVISÃO

Na luta travada entre a Capital e a Província, as equipas lisboetas levaram a melhor... pela tangente: — em cinco encontros — três vitórias contra duas derrotas, com dez golos a favor e sete sofridos.

O «Grande Triunfador» da jornada foi o Atlético que conseguiu bater o Olhanense... em Olhão!

Belenenses e Benfica, com maiores ou menores dificuldades, venceram, «em suas casas», os campeões do Porto e os setubalenses do Vitória, respectivamente, e adentro duma certa normalidade prevista.

Já outro tanto, contudo, não aconteceu com as equipas do Sporting e do Estoril que não puderam fugir às derrotas impostas pelo habilidoso Boavista e pelo bem apetrechado Elvas. Quer o desaire dos «leões», quer a derrocada dos «amarelos» surpreenderam deveras — mais aquele pelo que representa nesta altura..., mas este também pela expressão do «score».

Entre concorrentes estranhos à Capital, as duas partidas realizadas tiveram desfechos algo inesperados — com cursos dissemelhantes e resultantes práticas desconsoladoras para Coimbra... e animadoras para Braga. De facto, os estudantes, tocados pela má-fortuna ao perderem o guarda-redes logo na sua primeira intervenção, não lograram ir além dum empate com os vimaranenses — empate esse que pode significar muito mais do que parece..., enquanto os bracarenses, em tarde de pleno rendimento, «cilindraram» os Lusitanos de Vila Real de Santo António, — para se porem bem a coberto de qualquer surpresa que os mantivesse no indesejável penúltimo lugar!

Claro que não devemos esquecer faltarem ainda oito rondas para se chegar ao fim do Torneio. Mas do que não podemos duvidar é que esta XIX jornada foi de «vento em popa» para Braga — e de «maré baixa» para Coimbra... Isto no respeitante aos últimos da classificação geral, porque, entre os «cabecilhas», *azues e encarnados* sacaram os proveitos das desgraças dos *leões* e dos *portistas*!!...

II DIVISÃO

Na «poule» da *Zona Norte* verificaram-se duas coisas engraçadas, com o pagamento de dívidas que estavam em suspenso.

Ora vejamos: — o Leixões, que na ronda inicial havia sido surpreendido com um 2-4, no seu próprio campo, pela equipa famalicense, foi agora a Famalicão arrancar uma preciosa desforra... à letra, isto é, por 4-2 exactamente!

O Sporting da Covilhã, por seu lado, que em Coimbra havia baqueado por 1-7, recebeu agora a visita do União, a quem derrotou por 7-0... nem mais, nem menos!!...

Resumindo: — os covilhanenses isolaram-se à frente da classificação geral com seis pontos respeitantes a 3 vitórias, mas têm a fazer duas perigosíssimas viagens — a Matosinhos e a Famalicão.

O Leixões recuperou já imenso do terreno perdido nos dois primeiros desafios, encontrando-se de momento em segundo lugar — disposto a subir ainda mais nos dois próximos encontros que disputará no seu campo, contra o Covilhã e o União de Coimbra.

Os famalicenses decepcionaram com o revez sofrido agora na sua terra. No entanto, ainda podem alimentar justificadíssimas esperanças.

Quanto ao União Conimbricense, só quase por milagre poderá classificar-se para a «poule» final.

Na *Zona Sul*, os clubes do Barreiro estão de parabéns. A Cuf permanece invicta — e só com muito azar perderá a sua passagem à ronda seguinte. O Barreirense, tendo começado mal (com um empate «em casa» perante o Portimonense, e uma derrota com os vizinhos Cufistas) recompôs-se a tempo — e a vitória agora obtida no Algarve deve garantir-lhe a classificação desejada.

O Portimonense deixou «escapar o pássaro» que tinha na mão — ao ser vencido pelo Barreirense.

É certo que ainda não tem tudo perdido... mas...

Relativamente ao Desportivo de Beja, cremos que bastará dizer que conta por derrotas os jogos disputados!

III DIVISÃO

No domingo passado efectuaram-se as «primeiras mãos» dos quartos-de-final desta competição, que englobam desafios de grande interesse visto apurarem os clubes que terão o direito a

(Continua na 6.ª página)

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana

Por JOSÉ ILHARCO

Com o triunfo alcançado em Montreux pela equipa nacional de oquei em patins, estamos todos, possuídos de justificado orgulho.

Não foi nada fácil a tarefa dos nossos bravos oquistas. Eles, porém, com aquela confiança em si próprios da qual, à partida de Lisboa, apenas nós compartilhávamos, souberam, jogo a jogo, alicerçar em vitórias nítidas, toda a gama dos seus admiráveis recursos físicos e técnicos que lhes proporcionou a grandíssima jornada de 28 de Março, na qual, batendo a Espanha e a Itália, e beneficiando do empate cedido pelos ingleses frente aos franceses, ficaram virtualmente Campeões do Mundo.

Vencido por 10-0 o prélio inicial com a Bélgica, foram a Suíça (5-4), o Egipto (13-0), a Holanda (15-0), a França (6-0), a Espanha (3-1) e a Itália (3-1), sucessivamente batidas pela equipa portuguesa.

Só o grupo inglês — o campeão destronado há dois anos — conseguiu derrotar os oquistas lusitanos.

Essa derrota, porém, em nada os diminuiu — até porque só foi possível devido à arbitragem parcialíssima, em favor dos ingleses.

O «goal-average» obtido por Portugal foi simplesmente impressionante, constituindo recorde de todos os torneios internacionais até agora efectuados.

Oito tentos apenas sofridos significam segurança na defesa: cincoenta e seis marcados — eficácia no ataque.

Marcaram os golos: Jesus Correia, 20; Correia dos Santos, 16; Sidónio, 11; Olivério, 5; Raio, 4.

Alguma coisa quererá dizer o facto de o médio Sidónio Serpa figurar na lista com 11 tentos marcados. E diz, realmente:

Sidónio foi considerado em Montreux o melhor jogador do Mundo — por todos os técnicos que assistiram aos Campeonatos!

O Título Mundial de Oquei em Patins — é ainda pertença dos portugueses!...

Este feito merece, todavia, um pouco mais de demora. Debrucemo-nos, pois sobre ele, fora desta secção com o «espaço» devido.

Surgem três pugilistas no quadro do box português

No limitado quadro do pugilismo profissional — o amador, esse é limitadíssimo — surgiram agora três novos valores, de categoria, aliás, firmada já em terras de França.

Apresentou-os, na última semana, no Pavilhão dos Desportos, por uma também nova empresa de espectáculos de box.

A primeira exibição de Da Silva, Monteiro, e Marco Brito revelou as qualidades destes pugilistas — ao mesmo tempo que se julga o «box» reforçado com três novidades, que decerto muito ajudarão a movimentar a modalidade.

Oxalá assim suceda, mais que não seja para satisfação do público lisboeta, decidido apaixonado pela chamada «nobre arte».

O Atlético Clube de Portugal conquistou, em basquetebol o título de campeão de Lisboa

Em jogo decisivo com o Benfica, e vencendo-o por 36-29, o Atlético Clube de Portugal conquistou no sábado último, perante uma assistência que esgotou a lotação do Campo do Ateneu, o título de Campeão de Lisboa de primeiras categorias.

Depois desta jornada, a classificação final ficou assim estabelecida:

1.º, Atlético; 2.º, Benfica; 3.º, Belenenses; 4.º, Lisgás; 5.º, Carnide; 6.º, Sporting; 7.º, Lisboa e Ginásio; 8.º, Algés e Dafundo.

O último classificado trocará automàticamente com o Boa Hora Futebol Clube, vencedor do Campeonato da 2.ª Divisão.

— Está já elaborado o sorteio do Campeonato Nacional, ao qual concorrem as equipas do Atlético, Benfica, e Belenenses,. de Lisboa; Vasco da Gama e Fluvial, do Porto; e Olivais, de Coimbra.

O início da prova está marcado para hoje e fala-se nos «mentideros» da modalidade na possível utilização do Pavilhão dos Desportos...

Uma surpresa no andebol

Em prosseguimento do Campeonato de Lisboa, disputaram-se, no domingo, mais dois jogos, nos quais o Benfica venceu o Almada por 6-2 e «Os Treze» — eis a surpresa — derrotaram «Os Belenenses» (4-3), clube que ostenta o título de Campeão regional.

Entretanto, os dirigentes da modalidade, conscientes de que nas camadas novas se deve procurar a natural e futura substituição de quadros, promoveram o Campeonato de Juniores — que està decorrendo com muita animação.

Dois no primeiro lugar — nos 100 quilómetros de ciclismo!

Os cem quilómetros regionais de ciclismo tiveram no domingo dois vencedores! Facto invulgar— só foi ele possível pela deficiente linha de chegada.

João Lourenço e Jorge Pereira, o primeiro do Sporting, o segundo do Cova da Piedade, foram os heróis de uma prova que, não obstante o facto apontado, foi excelentemente disputada por duas dezenas de ciclistas independentes, alguns dos quais revelaram já magnífica forma.

E cabe perguntar, a propósito de ciclismo: Realizar-se-á este ano a Volta a Portugal?

Manuel Gonçalves ganhou a maratona nacional, mas o seu triunfo não foi famoso

Depois de vencer nos 15 e nos 30 quilómetros, o corredor benfiquista Manuel Gonçalves ganhou, no último domingo, a Maratona Nacional, mas

(Continua na 6.ª página)

O TÍTULO MUNDIAL

DE OQUEI EM PATINS

É AINDA PERTENÇA DOS PORTUGUESES...

...E O RESTO ERA BARULHO

Recordar-se-á o leitor amigo de que, quando à sua volta, erguidas de todos os sectores, apenas ouvia manifestações de descrença nos nossos valorosos oquistas, acusações aos dirigentes da modalidade, mil e um programas de «salvação»»... recordará o leitor amigo que fomos nós — e quase mais ninguém — aqui, nestas colunas, e em toda a parte onde a nossa palavra pudesse ser escutada, a proclamar a fé nos rapazes do Oquei, a render homenagem aos dirigentes que em anos e anos de esforços foram a consagração da classe internacional dos jogadores portugueses.

Não nos movia então, como agora não nos guia, outro interesse além da nossa paixão pela modalidade — e, vamos lá, — um pouco de conhecimentos desta coisa do Oquei em patins.

Pois, senhores, chegou até nós a informação de que nos «mentideros» desportivos éramos alvo da acusação de sermos o «porta-voz» da Federação Portuguesa de Patinagem!

O leitor amigo compreenderá todo o significado atribuido àquele «porta-voz»... e desculpar-nos-á este desabafo que, na realidade, nada acrescenta ao brilho extraordinàriamente refulgente da vitória portuguesa em Montreux!...

A categoria internacional não se mede apenas pelos títulos!

Mas o leitor amigo vai ver por que nós confiávamos nos nossos oquistas — e lhe renderíamos homenagem — mesmo que o título não regressasse a Portugal.

A categoria internacional dum atleta não se mede apenas pelos títulos de Campeão que ele conquista. Esses almejados troféus «aparecem» *apenas*, como consequência dessa categoria — mais tarde ou mais cedo. E categoria internacional possuem-na de sobejo — quem a nega? — no Oquei em patins, a Inglaterra, que perdeu o título, e a Itália, e a Espanha, e a Bélgica, e a França, e a Suíça — que nunca o conquistaram!

Categoria internacional possui-a, por exemplo, Mário Simas — e nunca foi Campeão da Europa e do Mundo!

A categoria internacional mede-se, fluência no extraordinário brilho da vitória portuguesa em Montreux!...

Sinceramente!

De boa-fé, como sempre usamos em nossas atitudes, não temos dúvida nenhuma em acreditar igualmente na boa-fé daqueles que, alarmados, gritavam programas de salvação, acusavam dirigentes — e descriam nas realíssimas, e felizmente provadíssimas, possibilidades dos nossos valorosos oquistas.

Eles, como nós, queriam, afinal, que a modalidade portuguesa mais vitoriosa, continuasse a erguer bem alto o Pavilhão do nosso País.

E, sinceramente, não custa admitir que, depois do choque moral dessa atitude de descrença, patenteado no último Norte-Sul, todo o alarido à volta da derrota de Espanha, das pseudo-deficiências de preparação e da falta de um plano de treinos, se revestisse, afinal, de efeitos benéficos sobre os nossos jogadores. E isso, sendo assim — teve necessàriamente in-

BOLETIM MUNDIAL

"FORÇAS" E "FEDERALISMOS"

O que tem graça, neste mundo de incoerências e de paradoxos, é que o «reparo», a ideia, parta, precisamente, de uma revista alemã—a «Gegenwart». É mais graça tem ainda, se é que estas coisas no fundo chegam a ter alguma graça e não representam mais do que o sintoma da falta de honestidade moral que se atravessa, que tal ideia se avente quando se fala num possível encontro dos «três senhores» do mundo, para uma derradeira tentativa de paz, e do lado russo é posta, como condição «sine qua non», o compromisso de se parar com a organização do bloco ocidental. Assunto que apesar de desmentido... não repele o «onde há fumo, há fogo»! Expliquemo-nos!

A revista alemã *Gegenwart* atira-se, num ataque furibundo, à ideia das Terceiras Forças, como força intermediária dos extremos, russo e americano, acusando, afinal, a Europa de querer uma posição intermediária, que não pode sustentar, devendo, lògicamente, acabar por se enfeudar a uma delas! É verdade que, em certo modo, menos nas conclusões que tira, e mormente no momento psicológico que se atravessa, a «Gegenwart» tem razão, mas tem razão se considerarmos o problema visto à luz daquela honestidade moral que compreende a linguagem dos compromissos, e não à daquela outra, que infelizmente nos habituámos a ver respeitada e temida, ou seja a linguagem da própria força.

É verdade, também, que só a ideia de «força», traz logo consigo e no seu âmago, outra ideia, a de adversário, a de outra força e a da marcha para um choque. Bem sabemos que são forças a lançar no prato da balança, para equilíbrio, mas nem por isso deixam de ser «forças» e de terem e criarem a mística do pugilismo, da luta, da supremacia e de todos esses «estimulantes» que atiraram com o mundo para o cáos em que se encontra!

Ao cuidado daqueles que, ou queriam manter uma posição neutral, ou desejavam agregar todas as boas vontades, para dar ao mundo uma esperança e uma possibilidade de equilíbrio, deveria lembrar outra expressão que não «força», mas movimento, «acção», que dissesse mais ideia de refúgio espiritual e da razão, do que do apelo ao músculo!

É isto conhecido, como conhecida era a pugna entre «conservadores» e «trabalhistas», entre socialistas e não socialistas, para empalmarem e dirigirem o «movimento». Pois bem, no país onde mais de perto se tem seguido a ideia, a Grã-Bretanha, acabam agora dois homens, um federalista ferrenho, o sr. Mackay, outro um amigo pessoal do sr. Churchill, o sr. Boothly, de lançar um curioso manifesto, em que as assinaturas de muitos deputados dos dois campos antagonistas, «tories» e «trabalhistas», parecem sancionar a tentativa de conciliação dos pontos de vista divergentes.

É assim mesmo — procura-se com esse manifesto — uma ponte de entendimento — que partilhe do «essencial» dos dois campos.

Se assim se procurasse proceder em todos os ramos e campos de divergência internacional — talvez as «forças» e as «federações» ainda pudessem aliar-se num meio termo prometedor!

LUSITANUS

«CARTAS DE INGLATERRA»

É «ISTO» O «APÓS-GUERRA»

Nunca, nem mesmo nos mais duros dias da guerra, este povo sofreu tantas restrições, racionamentos, faltas e... etc., como agora.

Toda a gente (aquela com quem convivo, que ausculto na fábrica ou oiço em encontros individuais) se queixa desta situação intolerável e... incompreensível. As minhas primeiras hospedeiras ouviram há meses, pela primeira vez na sua vida, fazer comentários à acção do Governo, criticando-o, em pleno «eléctrico» e em voz alta!

Para o fleugmático inglês chegar a «isto» o caso deve ser de facto muito sério.

O meu actual hospedeiro — operário dos mais bem pagos — viu-se na «necessidade» de receber um hóspede por o seu salário, embora acrescido duns schillings usufruídos num «gancho» feito aos sábados nas corridas de cães, não ser já suficiente para manter a casa. E se criticar o Governo, na rua, é sintomático, descer a confessar necessidades a um estrangeiro — que ainda por cima é moreno (eles dizem castanho) — é muito mais significativo!

No entanto, vejamos o que se passa em casa deste operário (embora, como disse, seja dos mais bem pagos) e admiremos a altura a que já subiram os nossos camaradas britânicos, para que agora achem motivos para críticas e lamentações.

Pedindo-nos muitas desculpas para tantas faltas, dão-me ao pequeno almoço «apenas» duas salsichas fritas e ovo mexido (ovos em pó), café com leite, pão, manteiga, mel e compota, do que me sirvo à descrição. Noutros dias, em vez das salsichas, dão-me fígado frito, corn flake ou «porridge» (vai em inglês por não saber o que é, na nossa língua) sempre feitos em leite, um ovo escalfado em clima duma torrada com manteiga e, aos domingos, fiambre, um ovo estrelado e chouriço moiro!

Ao jantar tenho sempre sopa (que repito), um prato de carne ou peixe, batatas cozidas, quase sempre pudim ou fruta em compota, e sempre café com leite, pão com manteiga, mel ou compota (para pôr por cima da manteiga!) e bolos secos.

À ceia (entre as 10 e meia e as 11 horas) temos chá com leite, pão torrado, manteiga e compota e, além disto, peixe mexido com ovos e leite duas vezes por semana, queijo ou mel, sardinhas de conserva e, sempre, bolos secos.

Ao serão, interrompe-se a leitura, o jogo das cartas ou a conversação, para se comer uns gomos de laranja ou umas tâmaras doces. Quando vou ao cinema, ao teatro ou à patinagem, a minha companhia (não vou sempre com as mesmas pessoas) nunca deixou de levar chocolates, ou caramelos, ou rebuçados, ou qualquer outra guloseima, para comer e oferecer nos intervalos.

As batatas pequenas só agora é que se comem. Antes da guerra deitavam-se fora, porque... davam muita maçada e levavam muito tempo a descascar.

Corn-beef, só era comido pelos... muito pobres! Isto, quanto a comida. Mas além desta, há mais «miséria» a considerar:

Sabonete na cozinha; várias luzes acesas ao mesmo tempo; emprego sem restrições de aparelho eléctrico, tais como: torradeira de pão, ferro de engomar, aspirador de pó; fumar à vontade (ele e ela) custando cada maço de 20 cigarros 3/4, ou sejam 16$64 na nossa moeda: 5 idas aos cinema, por semana (o pai vai às 2.as f., e a mãe às 3.as e sextas-feiras sòzinha e, aos sábados, à «matinée» com o filho); lição de piano, para o pequeno, uma vez por semana, em casa; fogão de aquecimento aceso de manhã à noite, mesmo agora, em plena Primavera, com dias lindos...

É de manhã, é com bom calçado (embora pouco elegante), meias de lã, fortes camisolas e boas gabardinas que os filhos dos operários vão para a escola!

Nos mercados, às compras, estão em maioria as senhoras com casacos de peles.

Nos dancings, frequentados sobretudo por jovens da classe operária, a entrada custa 10$00 e é paga não só pelos rapazes mas também pelas raparigas!

Enfim, em mil pequenas coisas, salta aos olhos um magnífico nível de vida, que nos faz pensar como viveria este povo no tempo das «Vacas Gordas».

Apenas mais 3 apontamentos:

— Nestes dias de férias da Páscoa, imensos operários «vão para fora», gozar num hotel ou pensão — uma passageira mudança de ares.

— O peditório feito à porta da capela do meu bairro pelos confrades de S. Vicente de Paulo, rendeu nos últimos três domingos: 325$00, 325$00 e 420$00.

— A Conferência de S. Vicente de Paulo tem 14 confrades e... visita 3 pobres. (Aqui no Bairro não conhecem mais).

— — —

NOTAS—Por simplicidade chamou-se manteiga, neste artigo, às rações de manteiga e margarina: 57 gramas de manteiga e 114 grs. de margarina, por semana. De 15 em 15 dias, dão mais 57 grs. de manteiga extra.

Este racionamento é só para a mesa: para a cozinha, empregam uma gordura especial.

— Tenho ouvido falar de «miséria negra», de bairros miseráveis e outras coisas horríveis, e já pedi aos confrades de S. Vicente de Paulo que me ensinem onde isso é. Depois direi o que vi.

Para grande número de famílias da classe média e popular, a insuficiência da habitação, o peso das despesas domésticas e dos encargos públicos tornam particularmente onerosas e meritórias a procriação e educação de prole numerosa. A sã política demográfica será, portanto, antes de mais nada, uma política familiar. Compreende um programa completo de casas baratas e de transportes em comum, de cooperação e diminuição de impostos, em proveito das famílias numerosas.

(Do Código Social de Malines)

Aprendamos economia

Por ABEL VARZIM

PREÇO NORMAL E CUSTO DE PRODUÇÃO

As lições de economia que temos exposto nesta secção não têm outro objectivo que não seja desenvolver a cultura popular. Nós não inventamos nada de novo. Expomos a doutrina dos Mestres. A ciência económica é uma ciência como outra qualquer do mesmo género. Estamos expondo a doutrina clássica sobre os preços, doutrina que se encontra em qualquer compêndio e que é exposta em todas as escolas, e nas escolas portuguesas também, por todos os professores que ensinam economia.

As que aqui damos são seguidas por um compêndio, o do Professor Defourny, da Universidade Católica de Lovaina, que foi nosso professor de economia política. Tem nome mundial. Se não querem respeitar-nos a nós, ao menos respeitem-no a ele e à ciência.

Posto isto, continuemos. Mas desta vez e, por esta lição, vamos traduzi-lo à letra do seu compêndio. Leçons Choisies d'economie politique et sociale, Louvain, 1932, n.º 17, pág. 27:

«Num regime de concorrência (é preciso entendê-lo bem: num regime de concorrência), *o preço normal tende a fixar-se ao redor do custo de produção.* Se o excede muito, deixa uma margem considerável de lucros; a produção é estimulada, ultrapassa a procura normal e, assim, desencadeando-se a concorrência dos produtores, os preços baixam e regressam perto do custo da produção. Se o preço normal desce ao nível ou abaixo do custo da produção, a produção e a oferta cessam ou ao menos diminuem: entra então em jogo a concorrência dos consumidores que impele os preços para cima do custo de produção de maneira a deixar aos produtores um lucro que os determina a cobrir as necessidades do consumo normal. A concorrência bilateral, uma vez que pode nascer de um dado e doutro com igual liberdade e igual facilidade, tende a aproximar o preço normal do custo de produção, sem contudo baixar um ao nível exacto do outro.

«Mas nem todos os produtores têm os mesmos custos de produção. Estes têm-no mais elevado; aqueles mais reduzido. Será necessário precisar a tendência do mercado. O preço normal gravitará à volta do mínimo, do máximo ou do médio custo de produção? *O preço de venda gravita à volta do custo marginal de produção. O custo marginal de produção é o custo das últimas unidades que, produzidas com maiores despesas, são ainda exigidas pelo consumo normal.*

«O custo marginal da produção identifica-se por vezes com o custo mínimo. Suponhamos diversos produtores que têm por custo unitário 10, 15, 20 e 25 fr. Se o produtor da primeira categoria pode multiplicar à vontade o seu produto, vende-lo-á abaixo de 15 fr. Eliminará assim todos os seus concorrentes. Na verdade, ganhará pouco sobre cada artigo vendido, mas sendo o único a abastecer o mercado venderá imensamente mais e o seu lucro total e final será muito maior. O custo marginal de produção é então de 10 fr. e o preço tende para o mínimo das despesas da produção. Nas indústrias manufactureiras em que a divisão do trabalho e os maquinismos permitem, em certos limites, multiplicar rápida e fàcilmente o produto, as coisas passam-se pouco mais ou menos dessa maneira.

«Mas há indústrias onde é difícil ao produtor mais categorizado aumentar a produção, e elevá-la ao nível da procura normal. Tal será muita vez a situação da agricultura. Se não for possível que as empresas mais favorecidas no custo da produção cheguem para todas as exigências do mercado, serão admitidos à venda produtores menos favorecidos. Suponhamos 5 categorias de explorações rurais em concorrência podendo produzir:

1 — 10.000 hectolitros de trigo a 100 fr.
2 — 20.000 hectolitros de trigo a 150 frs.
3 — 100.000 hectolitros de trigo a 200 frs.
4 — 300.000 hectolitros de trigo a 250 frs.

A produção total será de 530.000 hect. Se a exigência normal do mercado for de 430.000, o preço fixar-se-á entre 250 e 300 frs. Porque todo o curso inferior a 250 ou superior a 300 fr. não faria coincidir a oferta com o consumo normal. Seria dificitária no 1.º caso, e excedente no 2.º Se o equilíbrio se não produz senão a um preço situado entre 250 e 300 frs., o preço gravita para os 250 fr. que será o preço marginal. Este preço regula o preço de todo o mercado. Teòricamente os produtores a 100, 150 e 200 fr. poderiam vender abaixo de 250, mas seria isso contrário ao seu interesse: ganhariam menos em cada hectolitro vendido sem poderem vender mais porque a sua produção é limitada. O custo de 250 fr. é portanto o custo marginal, porque todas as unidades vão negociar-se ao redor de esta taxa. Coincide, na hipótese que acabamos de examinar — e que é o caso da agricultura — com o máximo do custo de produção dos produtos admitidos à venda».

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

CONSULTAS

P. — *É permitido ao filho do patrão bater num parente que seu pai tem na oficina como aprendiz? Devo dizer que não está no quadro.*

R. — O quadro não tem nada para o caso. Ao filho do patrão só é permitido bater em si próprio.

P. — *A que se sujeita o patrão que desconta o Imposto Profissional, individualmente, guardando-o em seguida em seu proveito?*

R. — Em primeiro lugar sujeita-se a ser considerado o que é: desonesto. E, em segundo lugar, sujeita-se a que lhe possam exigir a restituição através dos Tribunais do Trabalho.

P. — *Como tenho visto a este respeito atitudes diferentes em patrões do mesmo ramo, desejava que me informassem do seguinte: — Um assalariado tem direito por lei a receber o seu salário nos dias feriados? São os patrões obrigados a dar descanso em todos os feriados nacionais? E dando-o e pagando esse dia, é o operário obrigado a fazer mais umas horas por dia nessa semana, para compensar?*

R. — A questão pode dividir-se nas seguintes alíneas:

a) Por lei e costume, apenas são feriados equiparados ao descanso semanal os dias 1 e 25 de Dezembro e 1 de Janeiro. Há classes que têm feriados especiais desse tipo, como os tipógrafos da imprensa diária no 1.º de Maio.

b) Por contrato ou despacho, há ainda outros feriados equiparados ao dia de descanso semanal. Mas variam de profissão para profissão.

c) Quanto ao pagamento do salário nos dias destes feriados obrigatórios, não existe obrigação legal de o fazer. Pode existir, no entanto, obrigação contratual de o fazer. Sabemos de alguns contratos colectivos que assim o estabelecem.

d) Relativamente aos feriados dados por livre arbítrio das entidades patronais, é de elementar justiça que sejam pagos. Com o feriado concedido nessas condições, tem-se em vista conceder uma regalia ao pessoal. Se o dia não é pago, a regalia desaparece. Ou antes, uma regalia que o pessoal paga com um dia de salário a menos, não é regalia, mas prejuízo.

e) Quanto à obrigatoriedade de compensar com trabalho suplementar, nos dias seguintes,um feriado facultativo mas pago, depende da combinação feita entre o pessoal e os patrões. Se não houve combinação livre e especial, como geralmente sucede, não há obrigação de prestar o trabalho suplementar.

P. — *Sou patrão de uma pequena sapataria. Desconto mensalmente 110$ para a Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio. Desejo saber se tenho as mesmas regalias que outro sócio qualquer.*

R. — Evidentemente que tem, desde que o desconto é feito a título de sócio beneficiário. Se, ao invés, representa a simples contribuição patronal pelos trabalhadores que tem ao seu serviço, nesse caso não.

N. da R. — *Chamamos a atenção do «português» que nos enviou uma carta anónima e sem selo, para a incorrecção do seu proceder e pedimos-lhe que leia mais inteligentemente a resposta a que se refere.*

ASSOCIAÇÕES PATRONAIS

(Continuação da 1.ª página)

nós, pondo-os, só queremos trabalhar para que se não venham um dia a pôr aqui com a acuidade com que se têm posto noutros países. A nossa acção é profilática, e toda a gente hoje admite que... mais vale prevenir do que remediar.

Quando se organizará também entre nós uma Associação de Industriais Cristãos que tenha por finalidade unir as boas-vontades já existentes e suscitar novas boas-vontades para se estudar a melhor solução do problema social actual?

Porque bem será convencermo-nos todos de que a posição do problema em 1948 não é já a mesma de 1933. Nestes 15 anos o mundo andou muito e as ideias muito mais.

© Todos os direitos reservados
ARQUIVO DO DESENVOLVIMENTO DA SOLIDARIEDADE

a voz dos nossos camaradas

Feriados

Escreve-nos um operário metalúrgico a fazer as seguintes considerações:

«Tenho visto nos jornais que se discutiu na Assembleia Nacional a questão dos Feriados Nacionais e que foi aprovado mais um, o de 8 de Dezembro. Sou católico e alegro-me com isso. Parece-me, contudo, que era preciso pensar-se também em mais alguma coisa. Tenho ouvido dizer que em Espanha os domingos são pagos, porque o Governo muito bem entendeu que esse dia também era um dia de despesas.

Eu já não peço que nos paguem os domingos, mas achava justo que nos pagassem os feriados obrigatórios, porque um dia a menos na semana faz falta na féria. Quando nos obrigam ao descanso, às vezes dá-se uma hora extraordinária para compensar. Mas não era de sugerir que fossem pagos os feriados? Com isto todos ficariam satisfeitos e não haveria que temer pelo prejuízo, pois operário contente é operário que rende. Etc.».

Esta questão do pagamento do domingo e dos feriados é questão de hábito. Pode ser? Porque não há-de poder ser? Já há tantos que o fazem, sem que daí lhes venha nenhum desastre económico!

É questão de espalhar a ideia.

Anomalias de uma Caixa de Previdência

O sr. Joaquim Caramelo de Almeida, da Covilhã, é o beneficiário (1) n.º 15.534 da Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios. Começou a contribuir para a Caixa em 1945, estando empregado na Empresa Transformadora de Lãs, Ld.ª. Deixou de trabalhar nesta empresa em Fevereiro de 1946, tendo sido admitido em Junho do mesmo ano na firma Clemente Petruci & Irmãos, por onde recebeu o subsídio de aleitação de um filho nos meses de Julho, Agosto e Setembro.

«Como não recebesse o subsídio de nascimento, nem o abono de família, reclamei sem resultado perante o Sindicato, tendo-me então dirigido, por carta de 26 de Dezembro de 1947, directamente à Caixa.

Como resposta, recebi o seguinte ofício:

«Em resposta à s/ carta de 26 do corrente, (1) informa-se que o subsídio não tem sido pago em virtude de só fazer a sua inscrição nesta Caixa em Novembro último».

Lisboa, 3 de Janeiro de 1948.
O Presidente da Direcção
a) Vasco da Cunha Santa Rita

«A seguir a esta carta recebi o subsídio de nascimento e de aleitação, bem como o primeiro mês de abono de família.

Nos meses seguintes, porém, não recebi nada, o que me levou a escrever de novo à Caixa em 5 de Janeiro e em 16 de Fevereiro, tendo recebido, em resposta, as seguintes cartas:

«Em resposta à sua carta de 5 de Janeiro p. p. comunica-se que, não obstante ter enviado nova documentação, a mesma não era necessária em virtude de os seus direitos se encontrarem suspensos provisòriamente e não definitivamente.

No seu próprio interesse e para que esta situação se não mantenha por mais tempo, queira requerer a esta Caixa o pagamento das contribuições em dívida».

Lisboa, 5 de Fevereiro.
O Presidente da Direcção

«Pelo presente e em resposta à v/ carta de 16 do corrente, junto enviamos guias de depósito para proceder à liquidação das s/ contribuições em dívida, referente aos meses de Fevereiro a Junho de 1946 e cuja importância são Esc. 109$00.

Nesta conformidade, e em cumprimento do artigo 25 do Regulamento desta Caixa só entrará no gozo dos seus direitos, depois de decorridos 60 dias após o pagamento das suas contribuições.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1948.
O Presidente da Direcção

«Ora diga-me V. se é justo, após ser obrigado a pagar para a Caixa todas as contribuições em dívida, ficando em pé de igualdade com os que nunca estiveram desempregados — pois até a parte patronal tive de pagar — perca o direito a todas as regalias e só passados 60 dias sobre o meu depósito, volte a estar no uso dos meus direitos! Tenho ainda a salientar que todos os contribuintes da dita Caixa têm direito às regalias por mim disputadas a partir do primeiro mês de contribuição, e às restantes a partir dos doze meses. E eu já contribuo ininterruptamente há 20 meses»!

O regulamento da Caixa parece claro.

1.º)—Deveria este beneficiário, logo que deixou de pagar as contribuições, ter sido «apontado». Passados 2 meses, deveria ter sido avisado da data em que se iria efectuar o cancelamento provisório da sua inscrição, para que a regularizasse, se quisesse continuar como beneficiário. Mas nada!

2.º)—Passados 4 meses, volta a pagar. O seu nome é inscrito nas folhas de férias da firma Clemente Petruci & Irmão, em Junho de 1946. E já pagou, desde então, 20 meses seguidos!

Ora o regulamento diz, no seu art. 9:

a) que a inscrição tem por base a inclusão do nome na folha de férias;

b) que a inscrição se faz logo que as contribuições atinjam dois meses.

Em face disto, a sua situação deveria ter sido logo regularizada (Agosto ou Setembro de 1946); e deveria ter sido, pelo menos nessa altura, avisado de que deveria pagar os meses em atrazo. De facto, pagam-lhe o subsídio de aleitação relativo aos meses de Julho, Agosto e Setembro de 1946, parecendo que tudo iria entrar em ordem...

3.º)—Como só passado mais de um ano de contribuição ininterrupta, depois de reclamar em vão ao Sindicato, é que este beneficiário se lembrou de reclamar para a Caixa, recebe, em resposta estas afirmações:

1.º) — de que só foi inscrito em Novembro de 1947 (!!!), e por isso é que não tem recebido os subsídios nem abono de família (carta de 3 de Janeiro de 1948).

2.º)—Que não precisava de enviar nova documentação, mas apenas de pagar as contribuições em dívida, para tudo ficar em ordem (carta de 5 de Fevereiro de 1948).

3.º)—Que só entraria no gozo dos seus direitos, passados 60 dias após o pagamento das contribuições atrazadas (carta de 26 de Fevereiro de 1948).

4.º)—Como se explica então:

a)—Que lhe pagassem o subsídio de aleitação durante três meses, logo a seguir à sua inclusão na folha de férias da nova empresa (Julho, Agosto e Setembro de 1946)?

b)—Que lhe pagassem, logo a seguir à sua reclamação (Dezembro de 1947), os subsídios de aleitação e nascimento, e o abono de família? E isto relativo a um mês?

c)—Que não o avisassem, logo a seguir à sua primeira reclamação (ao menos nessa data!) que precisava de pagar o atrazado?

Compreende-se um lapso e todos nós devemos ser bastante compreensivos para os desculpar. Mas tantos ao mesmo tempo é que já precisa de uma intervenção de quem de direito.

Nós mesmos não traríamos este facto para aqui se fosse o primeiro caso do nosso conhecimento de respostas desta Caixa desencontradas e incompreensíveis. Mas não é. E então parece-nos prestar um bom serviço denunciá-las, para que se não repitam, porque os responsáveis pela direcção duma instituição destas têm deveres, e não podem desculpar-se de qualquer maneira de uma falta, sobretudo quando esta qualquer maneira implica prejuízo de terceiros.

Aplausos e sujestões

Joaquim António Vicente, trabalhador rural de Vilar Formoso, escreve-nos uma carta, em que pede desculpa dos erros, mas em que manifesta o seu entusiasmo por «O Trabalhador» e o seu grande desejo de também escrever para ele. Como a sua carta traz muitos assuntos, vamos respigar aqui e além:

«A mim, simples jornaleiro, não tiro fruto algum dos direitos que «O Trabalhador» defende, mas prende-me toda a sua leitura, em especial a «página do lar» e a «Voz dos nossos camaradas». Quando lia certas cartas e artigos, dava-me sempre vontade de também eu escrever uma em agradecimento e colaboração, mas vinha-me sempre receio da minha pouca cultura. Até que ao ler o n.º 7, me resolvi e espero que seja publicado no «Trabalhador» e me emendem os defeitos e os desculpem como bons amigos.

«Gostei muito dos 10 mandamentos, assim como a continuação de «Como o lar poderia ser mais feliz»; um e outro são bem palpáveis e dignos da nossa maior atenção, pois assim não só «O Trabalhador» defende os direitos dos operários, mas dignifica e moraliza a família. Pois o sonho não de um operário, mas de muitos não é menos digno de atenção; assim como aquele camarada de Olhão que contou 10 tabernas e dizia que não deviam existir e de facto assim devia ser.

«Ah! pois aqui é que não há desses profissionais... O caso bem contado não chegaria talvez uma página do nosso jornal e isto era para uma inteligência lúcida, mas não para a minha, e o mais interessante é serem também as mulheres!...

Se o jornal pudesse chegar cá no correio de sábado era favor visto de aqui em diante só os posso ler aos domingos».

Esta carta, como centenas de outras, estão na nossa redacção à disposição de quem as queira ler. Apenas corrigimos a ortografia, sem lhe acrescentar ou tirar uma palavra.

Espalhou-se o boato — e chegou-se mesmo a afirmar por escrito — de que nós as... inventávamos!

Se fossemos a publicar todas as que nos escrevem estes bravos camaradas de todo o País, compreender-se-ia então que este jornal é um imperativo da alma popular profundamente cristã da nossa terra e atacá-lo é o mesmo que ferir, como muitos no-lo têm escrito em cartas que podemos mostrar e até em telegramas, a sua alma.

Este jornaleiro rural de Vilar Formoso, que nós não conhecemos, e que escreve cheio de erros, como ele compreendeu «O Trabalhador», embora não seja um operário fabril!

Já dizia Cristo um dia: «Graças vos dou, meu Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e aos prudentes e as revelastes aos humildes».

Uma queixa

Henrique Custódio da Silva, de Oliveira de Frades, escreve-nos uma carta a queixar-se de uma grave injustiça de que foi vítima no seu emprego. Se é como conta, isto merece um correctivo. Mas como nós não lucraríamos nada em pôr aqui estampada a sua carta, aconselhamos a fazer uma exposição por escrito ao Subsecretário das Corporações, que chamará, sem dúvida, à ordem esses senhores. Se quiser, nós mesmos, faremos chegar a exposição ao seu destino.

Indústria de Panificação de Coimbra

Ex.mo Sr. Director de «O Trabalhador»:

Como operário da Indústria de Panificação do Distrito de Coimbra, não podia ficar alheio ao artigo publicado no n.º 1 de «O Trabalhador», no qual é focada a situação dos operários da Indústria de Panificação.

Sobre o trabalho diurno, é, realmente, uma aspiração já muito antiga de todos os operários, visto ser menos extenuante, e trazer vantagens não só para os operários e para o público, como até mesmo para o fabrico que se tornava, assim, mais higiénico, pois, durante a noite, quando os operários têm qualquer intervalo, deitam-se pelo chão procurando descansar, levantando-se depois, por vezes estremunhados, e assim retomam o trabalho sem procurarem lavar-se, isto com manifesto prejuízo para a higiene do fabrico.

Em meu entender, o início do fabrico devia começar às 5 ou 6 horas da manhã, podendo o público ser abastecido de pão mole para o almoço e jantar, ficando com pão de véspera para o pequeno almoço.

Presentemente, o público come às 19 horas pão que foi cozido às 4 da manhã, prtanto, há 16 horas. Com o horário de entrada às 5 da manhã, o pão para o pequeno almoço poderia ter apenas1 16 horas, visto que a última cozedura era das 15 às 16 horas.

Quanto a salários, tenho a dizer o seguinte:

Os salários no distrito de Coimbra são, actualmente, os seguintes, respectivamente para as classes A, B e C:

Padarias de pão de trigo: Caixeiros de padaria (mensais), 750$00, 650$00 e 600$00. Caixeiros de depósito: Homens, 550$00, 500$00 e 450$00; Mulheres, 400$00, 350$00 e 300$00. Forneiros (diários), 24$00, 22$00 e 21$00. Amassadores (diários), 23$00, 21$00 e 20$00. Ajudantes de padaria ou tendedores, 18$00, 17$00 e 15$00.

Aprendizes: Até seis meses de prática, 9$00, 8$00 e 7$00; Mais de seis meses de prática, 12$00, 11$00 e 10$00.

Vendedores ao domicílio: Homens, 16$00, 15$00 e 14$00; Mulheres, 10$00, 9$00 e 8$00.

Vendedeiras de mercados e feiras: 7$00, 7$00 e 7$00.

Padarias de pão de milho, centeio e ramas de trigo: Caixeiros de padaria, 600$00, 550$00 e 500$00. Caixeiros de depósito: Homens, 500$00, 450$00 e 400$00; Mulheres, 350$00, 300$00 e 250$00. Forneiros, 22$00, 21$00 e 20$00. Amassadores, 21$00, 20$00 e 19$00. Ajudantes de padaria ou tendedores, 16$00, 15$00 e 14$00.

Aprendizes: Até seis meses de prática, 7$00, 6$00 e 5$00; Mais de seis meses de prática, 10$00, 9$00 e 8$00.

Vendedores ao domicílio: Homens, 15$00, 14$00 e 13$00; Mulheres, 9$00, 8$00 e 7$00.

Vendedeiras de mercados e feiras, 7$00, 7$00 e 7$00.

O pessoal interno que aufere os salários acima expostos, como não tem outra remuneração, encontra-se em situação bastante precária em face do actual custo da vida.

Os tendedores vendedores de conta própria recebem o salário de 13$00, a percentagem de 7 % sobre as vendas, e podem além disso cobrar ao freguês a taxa que por Lei lhes é facultada. Na sua maioria, porém, não a cobram, porque o freguês tem a maior facilidade em abastecer-se directamente na padaria, pois as padarias e depósitos de pão, em Coimbra, estão espalhadas por toda a cidade.

A estes operários, por despacho de 3 de Fevereiro de 1939, foi fixado o salário de 12$00, e tinham 5 % nas vendas, que os industriais voluntàriamente lhes pagavam. Porém, embora este despacho lhes fixasse 12$00, os industriais já lhes davam 13$00, salário este que continuaram a receber, e que foi fixado mais tarde por despacho de 25 de Fevereiro de 1944.

Presentemente, apenas recebem a mais do que nessa data, 2 % na percentagem que passou de 5 % para 7 %, e, do freguês, as fracções que a Lei lhes permite, mas que, na maior parte dos casos, pela razão que acima fica exposta, não chegam a cobrar.

A categoria de tendedores acima exposta na tabela de salários diz respeito a operários que trabalham apenas no fabrico, e não aos tendedores-vendedores de conta própria que o actual despacho de 19 de Março de 1946 não abrangeu, por não fazer referência aos seus salários.

Nos despachos anteriores ao actual, os salários das padarias de pão de milho e mistura eram iguais aos das padarias de pão de trigo. Este último despacho veio criar duas categorias de salários, ficando os operários que estão naquelas padarias em situação de inferioridade. Ora, trabalhando estes operários as mesmas horas, parece-nos que deviam ter os mesmos salários, tanto mais que as suas necessidades não são inferiores às dos outros. Posto isto, pede-se a quem de direito uma revisão de salários dos operários da Indústria de Panificação, dentro do possível e da justiça.

Quanto à aprendizagem, concordamos plenamente com o alvitre de «O Trabalhador».

Quanto à Comissão nomeada para tratar de assuntos referentes à Panificação de todo o País, em meu entender, deveria ter algumas reuniões com um membro de cada Sindicato Nacional, afim de, em conjunto, poderem fazer um estudo mais concreto, pois existem divergências de distrito para distrito, que se deveriam evitar, para bem de todos.

N. da R. — Os camaradas que nos escrevem não se impacientem. A todos chegará a sua vez. Aqui todos trabalham por dedicação, depois dos seus empregos, e o tempo não tem chegado para responder a todos. Precisávamos de mais gente, e, portanto, de mais dinheiro, para que ganhassem a sua vida no jornal. Por enquanto não o podemos fazer. Um dia virá, assim o esperamos, em que os quadros possam estar mais completos. Tudo vai depender da vossa boa vontade em fazer propaganda, muita propaganda do jornal, pois precisamos de o fazer chegar à mão de todos.

POLÍTICA INTERNACIONAL

O PLANO MARSHALL

IV

De um exame aprofundado de todos os relatórios verificou-se que, apesar dos esforços e da colaboração dos países participantes no Plano, grandes quantidades de matérias primas, combustíveis, etc., deviam ser importadas da América. Se a entrega destes produtos devesse cessar por qualquer motivo, isto entravaria grandemente o bom êxito do plano de reconstrução.

A importância do problema da reconstrução ressalta claramente do exame do montante da balança comercial desfavorável dos países participantes em relação ao continente americano, num total, durante os 4 anos do plano, de 22,5 biliões de dólares.

Este saldo desfavorável explica-se em grande parte pelo aumento das importações do Novo Mundo. Isto foi inevitável em virtude de terem desaparecido da cena dois dos fornecedores habituais da Europa ocidental em produtos agrícolas e matérias primas: a Europa oriental e o sudeste da Ásia.

Para fazer desaparecer este saldo desfavorável das balanças comerciais convém, em primeiro lugar, fazer um considerável esforço com o fim de aumentar a exportação dos «dezasseis» para o resto do mundo. Desta maneira obter-se-ia, para os fins de 1951, um saldo favorável em relação aos outros países europeus não participantes.

Os 16 países europeus não conseguirão nunca fazer desaparecer o seu saldo devedor no total de 22,5 biliões, se não conseguirem gozar das mesmas condições dos outros países do mundo nos mercados americanos. Se as condições do mercado americano permanecerem as mesmas, os países europeus poderão aumentar as exportações em ritmo crescente, mesmo para a América. O equilíbrio entre a capacidade de produção da América e a dos «16» não pode portanto ser obtido por uma acção exclusiva da Europa; é necessário o concurso da América. Os países europeus devem por isso poder obter dólares ou outros valores similares em cobertura do seu déficit em dólares.

Eis, em resumo, os pontos principais dos «16». Imediatamente depois de terminados os trabalhos, foi o relatório submetido ao exame do Governo Americano.

Em 10 de Novembro de 1947, o General Marshall perante as Comissões dos Negócios Estrangeiros do Senado e da Câmara reunidas afirmou que era impossível fixar o total exacto das despesas exigidas pelo auxílio à Europa. Muitos factores importantes, como as condições atmosféricas, as boas ou más colheitas, as flutuações dos preços, etc., exerciam a sua influência, de tal sorte que não seria pedido ao Congresso uma verba determinada para cobrir o período dos quatro anos, mas cada ano se pediria ao Congresso o necessário.

O Plano entra em vigor no dia *1 de Abril de 1948.*

Mas como certos países não estavam em condições de esperar até esta data, organizou-se um «auxílio intermediário», que constituiu o único meio de acudir às populações da França, da Áustria e da Itália. Na lista dos produtos que deveriam ser entregues figuravam sobretudo géneros alimentícios, combustíveis e adubos. A lei do «auxílio intermediário» foi aprovada em 15 de Dezembro de 1947, e concedeu um crédito de 540 milhões de dólares (um milhão e trezentos e cinquenta mil contos). Deste crédito receberam 522 milhões a França, a Itália e a Áustria, e 18 milhões à China.

Para auxílio a longo termo que será concedido à Bélgica, Dinamarca, Inglaterra, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Áustria, Portugal, Turquia, Islândia, Suécia e Suíça, prevêem-se 1.500 milhões para o período de 1 de Abril a 30 de Junho de 1948, e 6.000 milhões para o período de 1 de Julho de 1948 a 30 de Junho de 1949.

Este auxílio apresenta-se sob uma dupla forma:

a) Os géneros alimentícios, adubos, combustíveis e bens de primeira necessidade, assim como matérias primas serão consideradas como dons, ao passo que

b) os bens essenciais e as matérias primas «que forneçam imediatamente os meios para a amortização da dívida nos casos em que tais amortizações se podem fazer normalmente» deverão ser reembolsados.

A data de 19 de Dezembro de 1947 ficará igualmente memorável. Foi neste dia que o projecto do governo relativo ao Plano Marshall foi submetido ao Congresso, reunido em sessão extraordinária em Washington.

O projecto compreende 10 pontos, que examinaremos na próxima semana.

APRENDER SEM QUERER

SECÇÃO DIRIGIDA POR CÉSAR

Começamos a receber as primeiras quadras para o nosso segundo concurso, sintoma evidente do interesse dos nossos leitores e do entusiasmo dos nossos concorrentes.

De um leitor, cujo pseudónimo não recordamos de momento, até recebemos antecipadamente um ror de quadras, mesmo muito antes de termos dito qual a orientação do concurso.

Muitos desejariam dar largas à sua inspiração espraiando-se sobre os mais variados temas.

Acorrentados a um tema, terão mais dificuldade; o mérito estará precisamente em defrontar e vencer essa dificuldade. Não se pode dizer que o tema não seja sugestivo e os que, de facto, não têm geito, terão, pelo menos, a oportunidade de colaborarem connosco enviando-nos quadras que conheçam. Já temos algumas, e interessantes, mas desejaríamos ampliar ao máximo a colectânea.

Responda se sabe...

(...e se não sabe leia um dos próximos números)

1) Sabe de onde derivam os nomes dos meses do ano civil?
2) Sabe a origem do ano bissexto e o que é dia intercalar?
3) Sabe como se verifica se determinado ano é ou não bissexto?
4) Que são «leis draconianas»?
5) Quem era Lesseps?

(Perguntas enviadas por Aileda)

Curiosidades

As oito horas de trabalho

Não faltará por aí quem pense que a ideia das oito horas de trabalho foi lançada por algum revolucionário ou por qualquer mandrião desejoso de se não matar muito. Mas não é verdade. Investigador paciente tratou a fundo do caso e chegou à conclusão que o primeiro que se lembrou de tal foi Filipe I de Portugal e II de Espanha.

Dirigiu ele então ao Vice-Rei da India esta instrução que, seguindo o seu habitual bom-senso, julgou ser justa, atenta a sorte dos trabalhadores. Escreveu ele: «Todos os trabalhadores das fortificações e das fábricas trabalharão 8 horas por dia, quatro de manhã e quatro de tarde; as horas serão distribuídas pelos engenheiros, conforme o tempo mais conveniente para evitar aos operários os ardores do sol e permitir-lhes o cuidarem da sua saúde e conservação, sem que faltem aos seus deveres».

Como se vê, a ideia tem mais de três séculos, embora a sua aplicação a todas as regiões seja mais moderna.

Inimo modos de perder o tempo

Dizem os ingleses que o tempo é dinheiro e não lhes falta razão nem verdade.

O tempo é tudo para o homem; todavia, sendo tão precioso, não há nada que mais se perca.

Há muitos modos de perder o tempo, mas podemos reduzi-los a cinco:

1.º — Perde-se o tempo não fazendo nada.
2.º — Perde-se o tempo fazendo «nadas».
3.º — Perde-se o tempo fazendo o mal.
4.º — Perde-se o tempo fazendo o que não se devia fazer.
5.º — Perde-se o tempo fazendo mal o que se devia fazer bem.

Moralidade: Aproveitemos bem o tempo, porque ele, a saúde e o trabalho são a maior riqueza de todos os trabalhadores.

Se quer sorrir...

Impressões de viagem:

— Então, que tal a tua viagem a Madrid?

— Admirável!... Nunca tinha ouvido tanta gente a falar espanhol.

Entre o turista e o cicerone:

— Então este é o único cemitério da cidade?

— É sim, senhor. Para aqui havemos de vir todos, se Deus Nosso Senhor nos der vida e saúde.

*

Uma criança conta à mãe que caiu no quintal.

— E tu não choraste, filho?

— Não, mamã. Não estava lá ninguém...

Aprenda português

1) Havendo em português o verbo *resfolegar*, porque se não diz *resfolga*, mas sim *resfolga*?

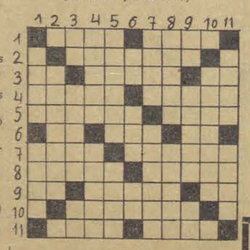
Fumo e fogo resfolga
a férrea máquina,

diz um poeta.

2) O que é *onomatopeia*?
3) Que diferença existe entre metáfora e comparação?
4) Que é analogia? Dê exemplos.
5) Além dos *Lusíadas* que mais coisas escreveu Camões? E qual o valor dessas composições em relação ao poema?

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 12
(Enviado por Aileda)



Horizontais: 1 — Sentença; Coisa doce. 2 — Deusa das artes e das crenças. 3 — Prefixo de negação; Lia novamente; Nota de música. 4—Competidor; desordem. 5 — Vexar; Oitavo. 6 — Entrega; nome de homem; Tôsco. 7 — Qualquer coisa; arma branca, larga e curta (pl.). 8—Planta do Congo, que os indígenas usam como excitante, de efeitos análogos aos do álcool; Palmeira do sertão. 9 — Interjeição designativa de suspensão; a maior das partes em que se divide o osso ilíaco; Outra coisa. 10 — Atirar. 11 — Tramam; Uma das partes em que se divide o globo terrestre.

Verticais: 1 — Antigo imperador do Império Médio-Persa que tomou a cidade de Babilónia no ano 548 A. C. e que permitiu aos judeus o regressarem a Jerusalém; Antigo generalíssimo que se opôs a que as legiões romanas destruíssem o sagrado templo de Jerusalém. 2 — Aguardente (bras). 3 — Preposição; Espécie de mandioca de talo vermelho e raiz curta e grossa (bras.); Grito de dor. 4 — Apetecer; Arco diagonal de uma abóboda gótica. 5 — Encaracolar; Afora. 6 — Artigo definido (Ant.º); A plebe; Prefixo designativo de negação. 7 — Indiferença; Curioso. 8 — Mesquinho; Antigas medidas agrárias dos Romanos, usadas nos campos da Bética. 9 — Caminhe; Espécie de remo que, apoiado num encaixe sobre a popa, faz andar a embarcação. 10 — Estabelecera pequena quinta para criação de animais. 11 — Um dos 12 apóstolos do Novo Testamento; Qualquer compartimento de um edifício, com mais ou menos amplidão.

Solução do Problema n.º 9

Horizontais: 1 — Pasmoso. 2 — Muave. 3 — Errar. 4 — Jugar; Damas. 5 — Anela; omiti. 6 — Ega; lha. 7 — Zirbo; Amnon. 8 — Ararat; toesa. 9 — Escol. 10 — Viola. 11 — Cessara.

Verticais: 1 — Ajaezar. 2 — Ungir. 3 — Geara. 4 — Ameal; breve. 5 — Surra; oásias. 6 — Mar; cós. 7 — Ovado; atola. 8 — Serúm, molar. 9 — Milme. 10 — Athos. 11 — Asianas.

O problema n.º 11 continua à espera de concorrentes. E, para animar as artes, instituímos um prémio: um livro de contos.

Correspondência

Devido à irregularidade do espaço que se reserva a esta secção, irregularidade essa que não depende da nossa vontade eliminar, nem de quantos no jornal trabalham, as respostas à correspondência recebida e que deviam publicar-se no n.º 10, só hoje aparecem.

Do atraso pedimos desculpa aos interessados.

«Luís do Campo» — Há um leitor a quem interessa adquirir os livros «El Joven Observador» e «El Joven y Cristo». Pode dizer se, de facto, quer vendê-los? Nesse caso, indique-nos se estão em bom estado e o preço por que os vende.

«Jaime P. de Carvalho» — É difícil a resposta à sua consulta, porque não sei a sua predilecção.

Os clássicos? É termo demasiado vago e que por isso mesmo abrange muitos aspectos da cultura.

Receio indicar-lhe livros: Dos autores que cita, Balzac, Tolstoi e Lamartine são «legíveis», Zola é perigoso. Um dos livros que li dele, foi para mim simplesmente pernicioso.

Clássicos portugueses? António Vieira, para ler às prestações.

Se sabe inglês, aconselho-lhe um livro de cultura geral muito bom: «Essential Knowledge».

Em português talvez lhe servisse ler, mas muito, muito devagar, um manual de filosofia; abre horizontes ao seu espírito.

Compre, por exemplo, o compêndio de Filosofia de Lahr.

Se lhe interessasse enveredar pela literatura portuguesa, pela arte, pela sociologia, etnografia, história, ou por qualquer outra ciência, também poderei informá-lo convenientemente.

A leitura de ficção tem valor cultural restrito, desde que se leia com o intuito apenas de se saber o desfecho e de passar o tempo.

A sua consulta repito é muito vaga. Se voltar a escrever-me a pedir-me bibliografia sobre um ramo restrito da cultura em que pretenda especializar-se, com muito gosto lhe responderei. É conveniente dizer-me que cultura tem, se sabe francês — pois em francês há mais livros por onde escolher.

Toda a correspondência deve ser dirigida para

CÉSAR AFONSO
Calçada dos Barbadinhos, 30-1.º

De todos os Desportos

(Continuação da 3.ª página)

o seu tempo, desta feita, não passou da vulgaridade.

O persistente Artur Ferreira, de «Os Belenenses» classificou-se em segundo lugar. Cândido Pedro (Atlético) e Francisco Martins (Benfica) foram terceiro e quarto, respectivamente.

Esperava-se, com curiosidade, a prova de Manuel Gonçalves, pois poderia muito bem acontecer que esta «Maratona Nacional» forçasse o envio dum representante português aos Jogos Olímpicos de Londres.

Afinal, Manuel Gonçalves, fazendo a prova em 2 h. 42 m. 8 s. e 8/10, marca inferior ao seu melhor, fez adiar as esperanças de todos os que acreditam — nós incluído — nas suas admiráveis qualidades de atleta.

Talvez daqui por quatro anos — o «benfiquista» é ainda muito novo — possamos contar, realmente, com um especialista de categoria internacional.

Qualidades não faltam a Manuel Gonçalves. A questão está em que trabalhe nesse sentido.

O TÍTULO MUNDIAL
DE OQUEI EM PATINS

(Continuação da 3.ª página)

sim, por um conjunto de resultados ou de «tempos» que coloquem os atletas ou equipas dentro da bitola universal das equipas ou atletas de outros países.

E, convenhamos, já é sobremaneira honroso para Portugal possuir, nos rapazes do Oquei, autênticos atletas que, ganhando ou perdendo, podem colocar-se, à vontade, ao lado dos seus camaradas de além-fronteiras.

Pois que outra coisa pode chamar-se senão categoria internacional a uma modalidade que, nas suas relações externas, desde 1930, conseguiu *apenas* isto?:

Nos Campeonatos da Europa e do Mundo

	J.	V.	E.	D.	Bolas
Inglaterra	8	1	—	7	7-28
França	8	4	1	3	21-21
Suíça	8	4	3	1	14-10
Bélgica	8	7	—	1	22-9
Itália	6	1	1	4	11-18
Alemanha	7	4	—	3	15-17
Espanha	1	1	—	—	2-1
	46	22	5	19	92-104

ou seja:

	Lugar	J.	V.	E.	D.	Bolas
1930 ...	5.º	5	1	1	3	6-14
1931 ...	6.º	6	1	1	4	7-22
1932 ...	4.º	5	2	—	3	11-19
1936 ...	3.º	6	4	—	2	11-10
1937 ...	3.º	6	3	1	2	11-9
1938 ...	4.º	6	3	—	3	13-11
1939 ...	3.º	6	2	2	2	6-11
1947 ...	1.º	6	6	—	—	27-8
		46	22	5	19	92-104

Vejamos agora o mapa elaborado com a inclusão de todos os jogos internacionais dos oquistas portugueses:

	J.	V.	E.	D.	Bolas
Alemanha ...	7	4	—	3	15-17
Bélgica	11	10	—	1	51-14
Espanha	3	2	—	1	8-9
França	10	6	1	3	39-25
França .B.....	1	1	—	—	11-1
Inglaterra	9	1	—	8	10-33
Itália	9	3	2	4	24-24
Itália B	1	—	—	1	2-3
Suíça	11	7	3	1	32-15
	162	34	6	22	192-141

É bonito! Pois não é?

Nós sabíamos...

Há três anos consecutivos que quase não faltamos a um jogo de oquei em patins — disputado em Portugal.

Cremos que daqui possa resultar, pelo menos, algum conhecimento da capacidade dos nossos jogadores...

Ora nós sabíamos — e não somos bruxo, nem tanto seria preciso... — que os jogadores seleccionados para representar o País em Montreux eram capacíssimos de vencer o «choque moral» do barulho à volta da derrota de Madrid, e qualquer quebra física que porventura um ou outro denunciasse.

A têmpera de verdadeiros atletas, o espírito patriótico que paira alto — saibam todos! — no oquei patinado e a indesmentível classe dos nossos jogadores — forneceram-nos a «martingala» com que *jogámos*, sem hesitações, no seu comportamento em defesa do Título Mundial, orgulho maior dos desportistas lusitanos.

Dando mesmo de barato a sua perda, — no que sinceramente não acreditávamos — nós *sabíamos* que o glorioso trofeu seria defendido com unhas e dentes e com a técnica incontestável dos nossos rapazes.

Com estes números conseguidos em Montreux

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Portugal	8	7	—	1	56-8	14
Inglaterra ...	8	6	2	—	45-11	14
Itália	8	6	—	2	51-14	12
Espanha	8	5	1	2	48-13	11
Bélgica	8	4	—	4	27-28	8
Suíça	8	3	—	5	33-28	6
França	8	2	—	6	21-30	4
Egipto	8	1	—	7	7-56	2
Holanda	8	—	—	8	0-100	0

e os quais o leitor fará o favor de incluir nos mapas acima inseridos, responderam eles a quem neles não confiava!

Todas as homenagens serão poucas

No seu regresso a Portugal, que se verificará no próximo dia 6, os oquistas lusitanos serão alvo das mais justas homenagens.

Todas serão poucas para premiar o seu valor de atletas pundonorosos.

Durante elas, Oliveiro Serpa, o conscienciosso capitão da equipa, não se esquecerá de afirmar — como de outras vezes tem feito:

«Não fizemos mais do que tentar imitar os valorosos pioneiros da categoria internacional do oquei português.

«E pedimos desculpa, se, mesmo assim, não o cumprimos completamente».

O «barulho», desta vez construtivo, ecoará por muitas semanas à volta dos Campeões do Mundo.

Depois...

Depois voltarão os torneios internos, os Campeonatos, toda uma actividade que muitos se esquecerão de seguir de perto...

Nós continuaremos a seguir o «Oquei» nessa sua importantíssima faceta, acarinhando-o, conhecendo-o bem — para que possamos, quando isso for preciso, proclamar alto e bom som que uma derrota, mesmo por 5-0, será apenas uma contingência do Desporto!

COISAS DO FUTEBOL

(Continuação da 3.ª página)

disputar a entrada na II Divisão aos últimos classificados dos vários Grupos (... ou seja, ao Salgueiros do Porto, ao S. L. e Viseu, ao Operário de Lisboa e ao Lusitano de Évora).

Nos encontros realizados verificaram-se dois empates (o Sporting de Espinho empatou com o Sporting de Fafe, em Fafe, e o Desportivo de Faro fez igual resultado com o Estrela de Portalegre, em Portalegre): e duas expressivas vitórias dos «donos da casa» (visto que o Académico de Viseu, em Viseu, derrotou por 5-0 o Covilhanense, e o Torriense, em Torres Vedras, bateu o Desportivo da Cova da Piedade por 4-0).

As melhores proezas couberam, sem dúvida, aos clubes que «viajaram» e que não perderam, isto é, ao Espinho e ao Desportivo de Faro — que amanhã terão óptima oportunidade de resolverem as questões a seu favor... e nos seus campos!

Apesar disto, a nota de maior surpresa forneceu-a o Desportivo da Cova da Piedade que, após eliminar o representante lisboeta (o Arroios) foi perder estrondosamente com o Torriense!!!... A margem de quatro bolas deve ser muito difícil de recuperar — o mesmo (... ou mais ainda!) acontecendo ao Covilhanense com os cinco golos à maior que os «académicos visienses» levarão na bagagem na sua deslocação de amanhã.

No entanto, tudo pode acontecer nas passagens desta vida — porque já lá dizia o profeta: — a bola é redonda... e o buraco é grande!!!...

TAÇA DE PORTUGAL

Para efeito de arquivo, registemos também os resultados feitos nas «primeiras mãos» das eliminatórias do torneio preliminar para classificação da Taça de Portugal. Os encontros foram realizados nos campos dos clubes que mencionaremos em primeiro lugar — e repetem-se amanhã nos campos dos adversários.

No *Grupo A:*
Salgueiros, 0—Leça, 1;
Sanjoanense, 1 — Vianense, 0;
Oliveirense, 5 — Vila-Real, 1;
Flaviense, 2 — Académico do Porto, 3.

No *Grupo B:*
Naval da Figueira, 4 — S. L. e Viseu, 3;
Leões de Santarém, 6 — Ferroviários, 0;
Marialvas, 2 — S. L. e Castelo Branco, 3;
S. L. Guarda, 1 — Ginásio de Alcobaça, 0.

No *Grupo C:*
Luso do Barreiro, 1 — Arroios, 3;
Rossiense, 0 — 11 Unidos do Montijo, 0;
Futebol Benfica, 1 — Operário, 0;
Oriental, 3 — Casa Pia, 3.

No *Grupo D:*
Campomaiorense, 4 — Requengos, 1;
Atlético de Moura, 2 — F. C. Serpa, 1;
Lusitano de Évora, 4 — Portalegrense, 2;
Boa Esperança, 5—União de Montemor, 1.

E agora, até amanhã — para «ver», e até de hoje a oito dias — para «ler» ... «O Trabalhador»!...

FORUM ARTE E CULTURA
DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE
© Todos os direitos reservados

O APROVEITAMENTO DO ALUNO NA ESCOLA

depende em grande parte da educação que os Pais lhe sabem dar em casa

Na escola a criança aprende muita coisa que os Pais não sabem ou não têm ocasião de lhe ensinar.

A criança que pela primeira vez frequenta uma escola entra num mundo completamente novo para ela. Passa a fazer parte de uma classe; a ter de estar hora atrás de hora (com pequenos intervalos) sentada, imóvel num banco; a aprender coisas que não entende muitas vezes e que pouco a interessam.

Há crianças que se adaptam fácilmente à vida escolar; outras só com grande dificuldade o conseguem. Sen-

tem-se estas, infelizes na escola, não se dão bem com os companheiros, sentem hostilidade pelo professor, não adiantam nos seus trabalhos.

À medida que os anos passam algumas crianças ficam para trás, outras vingam e afirmam com boas notas o seu lugar na Escola Primária, depois na Industrial ou Comercial ou no Liceu.

Nota-se então que estas últimas não são apenas as mais inteligentes: são antes em regra as que, sendo de pequenas as mais cumpridoras nos seus trabalhos, eram também as mais amparadas moralmente por seus Pais.

Assentamos em sequida algumas opiniões sobre a influência que os Pais podem exercer na vida escolar dos filhos, fazendo o nosso juízo sobre o valor que elas têm a nossos olhos. Concordarão as leitoras e leitores com esse juízo? Perguntem às vossas amigas o que pensam também sôbre o assunto e procurem umas com as outras a solução destes e doutros problemas que surgem por causa dos estudos dos vossos filhos; e se quiserem contem-nos as vossas dificuldades que nós responderemos.

(Dirijam as cartas para a Redacção de «O Trabalhador» endereçadas para a «Página do Lar — Consultas).

A criança doente ou demasiado fraca que não ouve ou não vê bem dificilmente acompanha os colegas e tem por isso más notas

CERTO. A saúde da criança deve ser vigiada por consultas médicas periódicas afim de se descobrir qualquer sintoma doentio a tempo de evitar um desiquilíbrio que venha a ter graves repercussões na vida da criança.

Uma criança normal, saudável deve ser viva, alegre até traquina, por vezes, cheia de curiosidade de saber o «porquê» das coisas, pronta para qualquer brincadeira, aberta a qualquer reprimenda. A criança saudável e *que foi bem educada* não tem birras!

Se o seu pequeno ou pequena não se adapta ao modelo acima é porque há qualquer coisa que não vai bem! Procure e corrija a causa que torna o seu filho embirrento ou ensonado ou desconfiado. (Nem sempre a causa é apenas física: nem sempre ela é apenas moral).

Ouvidos e olhos são órgãos delicados. O seu funcionamento deve ser vigiado. Os cabelos a caírem sobre os olhos, a mesa muito alta ou a cadeira muito baixa que fazem o caderno ficar à altura do nariz do estudioso, esfregar os olhos até ficarem encarnados — são desmandos que não devem ser permitidos. Infecções ou dores de ouvidos não devem ser descuradas: são por vezes origem de afecções muito graves.

Se a criança tem boas notas na escola, os pais não tem mais que se preocupar com a educação dos filhos

ERRADO. Cada classe tem, em média, trinta alunos. No meio desses trinta, o vosso filho pouco mais pode ser que um número. Por mais amizade que o professor tenha aos seus alunos, nunca deixará, sem injustiça para os outros, de olhar o vosso filho como um de entre os trinta. O professor é impotente para educar os trinta, se os Pais se demitirem do lugar que devem ocupar na educação do filho, se o não mandam educado para a escola e não o esperam todos os dias para em casa o continuar a educar.

Educar é outra coisa que instruir

CERTO. Os bons sentimentos, o equilíbrio são da personalidade, a coragem, a veracidade, a prudência e o recto juízo não são dados à criança, ensinando-a a somar e a diminuir, a conhecer os rios e as cidades, as datas e as distinções dos reinos mineral, vegetal e animal, etc. Se estes conhecimentos são necessários à criança para a sua vida futura, mais importa ainda que ela, crescendo, se torne uma pessoa digna e cheia de carácter.

Proibir os filhos de lerem para terem mais tempo para estudar

ERRADO: O tempo gasto pelas crianças e jovens em leituras recreativas e instrutivas não é perdido, se os Pais vigiarem cuidadosamente, quanto à gramática e ao conteúdo moral, os livros por eles preferidos. A criança que lê muitos livros de contos, de aventuras, biografias, obras de divulgação científica, etc., aquela que vê muitos bonecos, reproduções e desenhos, que é levada pelos Pais a contar-lhes e a fazer para si o juízo do que lê e vê, será melhor aluno que os seus companheiros menos felizes nesse particular.

Além disso, terá uma personalidade muito mais equilibrada do que aquela outra que nas horas vagas corre as ruas da vizinhança ou se encosta à janela a sonhar.

É claro que neste último período de aulas as crianças atrazadas nos estudos se devem concentrar sobretudo nestes, *mas nunca exclusivamente*. A leitura recreativa tem ao lado do jogo das bonecas e do jogo do pião um lugar importante na educação do seu filho.

A criança não pode estudar convenientemente se não tiver em casa um cantinho sossegado que lhe seja destinado para esse fim

CERTO. O estudo necessita de uma certa concentração do espírito e de um ambiente calmo e ordenado. A criança deve ter uma prateleirazinha onde arrume os seus livros, próxima da mesa onde trabalha, e deve ser ensinada a arrumar aí todo o material escolar.

A hora de estudo deve ser a mesma todos os dias e deve ser respeitada por irmãos e pais: não deve ser ocasião nem para discussões, nem para conversas com o aprendiz a estudioso.

Os professores só querem que os pais dos seus alunos não os macem

É CONFORME. Os bons professores gostam que os pais lhes venham falar dos problemas dos seus filhos, gostam de ver que os pais tomam interesse na educação deles. Assim se sentem menos desacompanhados na difícil missão de que estão incumbidos. Uma união mais íntima entre a escola e a família só redundaria em benefício da criança portuguesa: seria um grande passo dado no progresso da educação do nosso povo.

Mas, mesmo os professores mais pacientes se aborrecem, se os pais lhes vão tirar tempo só para contarem as graçinhas do seu menino, ou para lhe recomendar, dúzias de vezes, a sua especial protecção.

A criança ajudada nos trabalhos escolares e que tenha explicações progride melhor nos estudos

É CONFORME. A criança deve aprender a trabalhar por si. Se os pais a ajudam demasiado, a criança mais tarde ressente-se disso e não é capaz de progredir no trabalho escolar.

A arte de «ajudar» é uma arte muito difícil. Quantas vezes a mãe julga apenas «ajudar» a criança a fazer um problema e faz ela o problema em lugar da criança. É preciso que a criança nunca venha a descansar prequiçosamente em quem a ajuda, mas apenas se sinta animada e amparada.

A criança que vai muito ao cinema atraza-se na escola

CERTO. E compreende-se bem que assim seja. Toda a gente sabe que são raras as fitas de cinema que possam fazer bem à criança que as veja. Já nos podemos dar por contentes quando a fita vista não faz «mal» à mentalidade da criança, mas raramente ela contribuirá para educação ou instrução do vosso filho.

Não só as fitas de cinema não educam como até deseducam: a saúde da criança que frequenta as salas de espectáculo é respira o ar carregado de impurezas, sofre muito; sofre mais ainda se perde horas de sono em cinema nocturno: sofrem também os nervos, que se mantêm durante duas a três horas numa concentração doentia.

QUADRAS

Quem tiver um coração
E dele queira fazer dois,
Veja bem como o reparte,
Não se arrependa ao depois.

Se do céu, quando em ti penso,
Fossem caindo as estrelas,
De tanto pensar em ver-te
Ficaria o céu sem elas.

O desengano é leal,
E o engano é um traidor:
O primeiro é a dor sem mal,
O segundo é mal sem dor.

Por te amar perdi a Deus,
Por teu amor me perdi,
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem amor, sem ti.

A VIDA INTEIRA

KATRINA

Um dia quando Katrina vigiava os rebanhos, nas passagens do sul, Johan e o filho do Seffer, passaram no caminho próximo; o rapaz deu-lhe uma cotovelada, dizendo:

— A tua patroa está bem acompanhada.

Johan viu a mulher sentada sobre o trevo, num valado; e, perto dela, de pé, o capitão Nordkvist. Ouviram este dizer qualquer coisa, e Katrina rir alto, com o seu riso espontâneo, fresco.

Quando ela voltou, a casa estava deserta. Preparou a ceia, pôs a mesa: mas ninguém vinha. Foi até ao limiar; e o caminho da aldeia também estava deserto, naquele silêncio tépido de certas tardes outonais. Saiu, e foi dar um olhar às macieiras; tinham crescido bem, mas havia uma que ameaçava secar; nisto, a um olhar que correu pelo quintal, viu lá a um canto, por trás da casa, uma forma humana sentada numa pedra.

— Johan... — chamou ela, devagarinho; e aproximou-se quando viu a figura curvada mexer-se um pouco, recaindo logo na sua postura desesperada.

— Que bicho te mordeu para ficares aí a apanhar este ar frio, em vez de vir jantar?

A resposta que obteve foi uma espécie de murmúrio magoado, indistinto.

— Anda para casa. Vá. Olha que te faz mal.

— Não vou. Vai tu.

— Queres ficar aí toda a noite?

— Fico, se me parecer. Nunca mais ponho os pés naquela casa.

— Que diabo te fez ela, a casa?

— Eu é que não tenho lá que fazer. É do Nordkvist... E o que lá há, arranjaste-o tu... Para que é que eu lá hei-de estar, como um trombolho, como um estorvo...

— Não te percebo os disparates. A casa é tua, e nunca dei por diferença nenhuma entre o meu e o teu. És um estorvo? Não sei se ria ou se me zangue... — disse Katrina, agitada.

Mas Johan curvou a cabeça, um pouco mais. O aspecto dele metia dó.

— Ri-te... Ainda agora, ao pé do Nordkvist, no campo, também te rias... — murmurou ele com um azedume que a surpreendeu, e com um rumor de lágrimas na voz.

— Já uma pessoa não pode rir? — perguntou ela calmamente.

— Pois pode. Não digo o contrário. O que digo é que sou um estorvo...

— Mas um estorvo porquê? Como? Para quem?

— Tu bem sabes.

— Juro que não sei.

Os ombros de Johan agitaram-se, sacudidos por um soluçar que não venceu.

— Eu não era feito para ti. Bem sei que não era. E os outros também sabem. Que valho eu comparado com um Nordkvist?

— Comparado com um Nordkvist... — murmurou ela, uma luz turva a fazer-se-lhe no espírito. — Meteu-se-te na cabeça que há alguma coisa entre o Nordkvist e eu?

Johan soluçava:

— A mim não me espanta que tu não me queiras.

— Achas que tenho procedido como quem não te quer? — perguntou ela, com uma doçura conciliante.

— Não... Não... Mas no fundo, bem te ralas tu comigo!

— Fala claro. Responde. Imaginas que houve o que quer que fosse entre o capitão Nordkvist e eu? — replicou ela gravemente, poisando-lhe a mão no ombro.

— Então... não houve?

— Depois te respondo. E isso é coisa que diz a gente da terra?

— Toda a gente o diz.

Por um longo instante, Katrina ficou absorta no seu pensamento, com os olhos fixos no telhado da casa. Agora compreendia ela o sentido de muitas palavras, de muitas alusões.

Entendia finalmente a má disposição de Johan, a zanga dele ao Nordkvist. E ela — grande estúpida! — nada percebera. E havia tanto tempo! E o pobre Johan... que admirava vê-lo assim caído, como haste de feijoeiro a quem tirassem o amparo.

— Há quanto tempo anda essa gente a falar nisso?

— Há muito. Já desde a Primavera...

Katrina sentou-se numa pedra, em frente dele.

— Johan... — disse com doçura — lembras-te quando o Einar nasceu, que eu estava aqui deitada, sozinha, e, que tu foste buscar a parteira? Era só contigo que eu podia contar, naquele dia. Lembras-te quando tu cozinhavas a papa de aveia, e ma levavas à cama, e às vezes até ma davas com a colher? O Einar não fazia senão dormir, sempre foi sossegado... E lembras-te daquele Inverno em que tu cosias as velas? O pequeno corria, e tropeçava nas dobras... Naquele Inverno fomos não tão felizes quanto duas pessoas o podem ser.

... ...

E quando o Gustav nasceu, naquele Outono em que voltaste muito mais cedo? Parei-me de agradecer a Deus que tu cá estivesses, para eu não me ver sózinha como quando tinha nascido o Erik. A Beda, que Deus haja, tinha sido muito boa: mas nunca é a mesma coisa que ter a gente o marido em casa... Lembras-te do todo? Lembras-te quando a Sandra morreu? E o enterro dela, quando nós iamos os dois atrás do caixão? Depois de tudo acabado as pessoas trataram de correr ao trabalho, porque era sábado: mas tu e eu não podíamos... Ficámos toda a noite sem dormir, a lembrar-nos da pequena... Em casa do Nordkvist, naquela noite, havia um grande jantar de anos; estavam lá senhoras da cidade; fartaram-se de beber e de jogar as cartas. Se tu e eu fossemos a falar de tudo, poderíamos fazer um livro, com muitas coisas que mais ninguém sabe. Os ricos, como o Nordkvist, não compreendiam isto... Que querias tu que existisse, entre o Nordkvist e eu? E tu e eu? Não tivemos a nossa mocidade juntos? E os nossos filhos? E a nossa pobreza? E o nosso trabalho? Os capitães, mais as mulheres, estavam sentados no salão, no vapor. E elas todas fumavam, e bebiam, e a nós... correram connosco. Dormimos em cima de sacos de batatas. Como raio querias tu que entre o Nordkvist e eu pudesse haver fosse o que fosse? Pois tu não vês que tudo nos separa, a ele e a mim? Pois tu não vês?

Katrina chorava amargamente — e mal pôde articular as últimas palavras.

... ...

Era completa a escuridão em casa, quando entraram. Acenderam uma candeia, puseram-se à mesa, e comeram a papa de aveia, ainda tépida. Erik tinha jantado e dormia a sono solto. A seguir deitaram-se com cuidado, para não acordarem o pequeno. Era como se uma fusão plena, perfeita, infinita, feita na rude forja da vida, ligasse dois metais no mesmo cadinho.

SALLY SALMINEN

A PERFEIÇÃO...

...no arranjo e asseio da casa não se alcança pela preocupação aturada de sacudir, varrer, pôr a todo o momento — de ralhar com quem descuidadamente suja o que acaba de ser limpo e de se azedar com a tarefa nunca terminada de refazer em cada dia o árduo trabalho da véspera,

... nem se alcança a tal perfeição, se depois de um dia de «lufa-lufa» intensa, em que tudo levou uma volta, houver seis dias seguidos de «deixa correr».

Pelo primeiro método afugenta-se do lar toda a sensação de bem-estar e de à-vontade. Pelo segundo, apenas se consegue que a dona de casa, durante um dia da semana (em geral ao sábado...) dê largas ao seu mau-humor (pois! está cansada...) e durante os cinco dias seguintes ande tudo sujo.

O método ideal é limpar a fundo uma divisão em cada dia da semana e limpar sumariamente o pó e o chão das outras.

O TRABALHADOR

NO MUNDO DO TRABALHO

CARTA DE AMIGO

De um operário a outro operário

A sentença divina de que todo o homem deve ganhar o pão com o suor do seu rosto impõe-nos a obrigação do trabalho. Sendo uma «condenação» é também um meio de nos reabilitarmos, ocupando na vida a posição dignificadora de quem cumpre um dever. Os que se afastam do cumprimento deste mandato perturbam a ordem das coisas e nisso se revelam elementos inferiorizados em todos os aspectos por que se analisem.

De tal maneira isto é inerente à nossa condição humana que são sempre depreciados os ociosos, os que fogem ao trabalho. E quando esta degradação se manifesta morrem, consequentemente, todas as demais virtudes que dão ao homem, no panorama da vida, o lugar honroso que lhe pertence como rei da criação.

O trabalho é, portanto, lei imposta a todos nós, e a falta de obediência a este princípio provoca o descalabro individual e o da comunidade.

Uma vez mais temos de concluir que se o pai de família é o eixo à roda do qual gravitam todos os interesses da sua pequena sociedade, igualmente no «espírito de trabalho» que o animar ele será o caminho dos filhos.

Sempre e em tudo o chefe dirige e prepara também o futuro!

Do trabalho dos pais vem a riqueza dos filhos, a estabilidade da família; do trabalho dos filhos, quando a idade lho impõe, vem a educação da vontade, a disciplina da vida que começa e não pode nem deve desenvolver-se livremente. Seria ir contra a própria natureza jovem, a primeira a reclamar a aceitação do lugar que lhe pertence na vida, diferente no dispêndio de energias e na responsabilidade da função, à medida que vai atingindo a sua plenitude.

Enquanto rapazes, agimos como tais; os anos passam, desenvolveu-se o organismo, chegamos ao conhecimento do que somos, o que ontem foi aprendiz é hoje um operário feito. Em tudo temos de obedecer à escala.

Perdem o sentido das coisas e da sua existência, aqueles que voltam as costas ao dever do trabalho e se dão a um viver à margem dele, quer se trate de ricos ou pobres. Os primeiros caiem na miséria moral, quase sempre, e em vez de patrões conscienciosos, tomam atitudes déspotas e de exploradores; os segundos, porque não têm quaisquer recursos materiais, aumentam o número dos miseráveis, seja qual for a aparência que tomarem, pois há quem não trabalhe e se revele exteriormente feliz... mas, verdadeiramente, não passam de uns desgraçados sanguessugas ou até criminosos.

O trabalho é riqueza, afirma-se com acerto; e quando assim não sucede a culpa é dos que não pagam o salário compensador, de onde resulta grave perturbação económico-social.

O dinheiro como fruto do nosso esforço tem o sabor a bagas de suor, é sangue das nossas veias. Por isso se diz, quando se não paga o salário devido, que se rouba o suor dos que trabalham.

A cruz do trabalho é pesada, mas não podemos atravessar a vida sem ela. Apesar disso é glorificação de nós mesmo. Ao contrário, o que não aceita e vive a lei do trabalho, descai na escravidão das paixões, é um fraco porque, como li algures, «o trabalho torna-nos sãos e destros de corpo e alma, ao passo que a inacção e a ociosidade nos cansam e enfraquecem».

Sei, camarada, quanto amas a tua actividade e nela procuras valorizar-te cada vez mais. Procedes bem. Continua. A nossa dignidade de homens impõe-nos deveres que não é lícito esquecer um só momento.

O dever do trabalho é de tanta importância que vale, para nós, como a escola prática «onde se formam homens sérios, honestos e pacientes».

Quando se quer reabilitar alguém, é ao trabalho que se vai buscar apoio, de onde se depreende o valor dos seus recursos como elemento totalmente construtivo.

Feliz serás se encarares que assim é como vimos de considerar. Para isso será bom não deixares o desânimo apoderar-se de ti. Até mesmo nos piores momentos sabe erguer a fronte e mostrar-te homem de trabalho, distintivo honroso a reclamar o maior respeito.

Temos, porém, de concluir com um grande pensador que «o trabalho feito sem alma, sem prazer, contra a vontade, é pior que a ociosidade mais completa: dá a ilusão do trabalho honesto, e não é senão uma mentira».

Para merecermos o título glorioso de trabalhador não basta, pois, entrarmos na oficina, na fábrica, no escritório, etc., fingirmos que fazemos, que produzimos... e não fazer nem produzir nada ou muito pouco; o que não cumprir o dever conscienciosamente depressa se denunciará, não tardando a cair sobre a sua cabeça o descrédito. Isto não.

Contigo não sucede assim, sei bem. Todavia não será demais precaveres-te contra a tentação que a todos assalta.

O trabalho honra-nos tanto mais quanto o executarmos com dedicação. Só o cumprimento assim das nossas obrigações nos autoriza a defender direitos. Felizmente é isto que sucede na grande maioria dos nossos trabalhadores. Qualquer excepção não toma corpo entre a massa enorme dos disciplinados, dos que cuidam a sério do pão da família.

Mas que o pão que procuram o encontrem sempre, na medida das suas necessidades!

Então, a cruz do trabalho será mais suavizada e a caminhada na vida do trabalhador menos dolorosa.

PAULO DA CRUZ

A CAMINHO DO ENTENDIMENTO SOCIAL

Está hoje provado que a melhor maneira de solucionar o problema social é o entendimento franco e leal entre as entidades patronais e o pessoal. Não um entendimento para propaganda, pois esse não resulta eficaz, mas uma sincera vontade de criar o ambiente propício a um trabalho de équipa. Que os chefes e os subordinados sintam não formarem mais do que um grupo de acção com os mesmos interesses, e as mesmas preocupações de bem servir. Desde que exista em todos o mesmo sentimento de que a obra é comum, e que não se estão ali a enganar uns aos outros, então muito se realiza e muito mais se estimam uns aos outros. A tese da luta de classes desaparece desfeita em pó, diante da camaradagem da équipa que é uma fábrica, uma oficina ou um escritório.

Sentimo-nos, portanto, satisfeitos quando verificamos haver em alguma indústria esta compreensão que tem de partir de cima para arrastar os de baixo.

É, por exemplo, o caso da Imprensa Industrial Omes (Obras Metálicas Electro Soldade, Ld.ª).

Esta empresa, de constituição recente ainda, resolveu entrar no bom caminho, não só pagando bem ao seu pessoal, mas proporcionando-lhe vantagens na evidente boa vontade de servir os seus servidores.

Por isso, há dias, um grupo de operários teve a lembrança de promover uma festa de confraternização com um desafio de futebol entre solteiros e casados, venceram aqueles, embora estes tivessem jogado melhor. A seguir ao jogo realizou-se um almoço comum que decorreu no meio de um fantástico ambiente de compreensão. Nele se tomaram duas iniciativas mais: a constituição do grupo desportivo Omes, e do Grupo Coral Omes.

Os operários ofereceram à gerência um galhardete de setim com o emblema da empresa, e esta oferecen uma taça. Na gravura vê-se o engenheiro Simon Sapiro a entregar a taça oferecida pela gerência ao capitão da équipa dos solteiros, vencedora da prova.

Não queremos deixar de dar o devido relevo ao lema desta empresa: TRABALHO, PAZ E ALEGRIA!

Trabalho, sim, porque sem ele nada há de socialmente bom. Mas sobretudo Paz que é a fonte da Alegria.

Quando as empresas que dão trabalho se preocuparem também em dar Paz e Alegria ao seu pessoal, não apenas em palavras mas em actos, então teremos chegado ao caminho do entendimento social.

O PROBLEMA DA APRENDIZAGEM

III

A CRISE DA APRENDIZAGEM

FORUM ABEL VARZIM
DESENVOLVIMENTO
E SOLIDARIEDADE
© Todos os direitos reservados

A organização admirável da aprendizagem desapareceu com as corporações, um pouco antes da Revolução Francesa. A supressão das Corporações vibrou, com efeito na aprendizagem um golpe mortal. Os aprendizes deixaram de ficar defendidos e os próprios mestres também. Entrou-se então no regime de completa liberdade económica e... social. As ideias liberais não se preocuparam em nada com o problema.

Aliás o maquinismo e o seu desenvolvimento vieram complicar mais ainda a questão. Montaram-se fábricas e mais fábricas, em que começou a vigorar a *divisa do trabalho*. Ora a divisão do trabalho contentava-se com operações simples, que exigiam uma aprendizagem muito mais reduzida do que anteriormente. O problema... simplificou-se, mas de tal maneira que veio a criar mais tarde um gravíssimo problema, não só de ordem moral, mas também económica e social.

Por outro lado, a máquina reduziu ao desemprego milhares e milhares de braços, e a concorrência aumentou ainda mais os desempregados, uma vez que começaram a ser admitidos nas fábricas crianças desde os 4 anos de idade, de ambos os sexos, por um salário irrisório! Era preciso ter mão-de-obra barata, e quem sofria com isso eram os operários, substituídos pelas mulheres e crianças.

Os pais aceitavam esta lamentável situação porque não tinham outro remédio. Desempregados ou a trabalhar com salários de concorrência, o mísero salário dos seus filhos menores sempre lhes vinha trazer alguma receita no fim da semana. Por pequena que fosse, sempre daria para o pão.

O ganho *imediato* dos seus filhos levava-os a entregá-los à fábrica ou oficina sem aquelas preocupações de aprendizagem por que eles próprios e os seus avós tinham passado.

Podemos dizer que as primeiras tentativas de legislação sobre aprendizes apareceram na Europa já depois de meados do século passado, e, aliás, sem nenhuma eficácia prática sobre a aprendizagem. Algumas estabeleciam certas regras de defesa dos aprendizes, mas sem nenhuma espécie das penalidades, nem garantias para os patrões mais conscienciosos que se preocupava com a aprendizagem. Estes, depois de formarem os aprendizes com sacrifício, viam-se quase sempre privados deles, porque outros que não se ralavam nada com o problema iam assalariar por um pouco mais os aprendizes já feitos pelos outros. Esta situação fazia desanimar as boas vontades e a aprendizagem entrou então na sua crise máxima, isto é, no caos mais completo.

Diversas legislações vieram mais tarde defender os aprendizes e os menores, fixando-lhes limite máximo de trabalho, mas sem melhorar em nada a aprendizagem.

Não tardou, porém, que os próprios industriais se alarmassem com esta situação. Várias tentativas se fizeram para oferecer certas regalias aos industriais que montassem serviços de aprendizagem. Mas foi só neste século que começaram as grandes preocupações da aprendizagem e que as nações legislaram sobre cursos, horários de trabalho, remuneração dos aprendizes, etc. Muitos bons resultados se obtiveram em vários países. Hoje a aprendizagem é um problema de primeira grandeza porque a indústria reconheceu finalmente que sem operários competentes não se pode aguentar, por não produzir bem e barato.

Mas isso é questão para ser vista depois.

«O TRABALHADOR»
VENDE-SE
— no Lumiar na *Tabacaria ARAÚJO*
— em Caldas da Rainha na *Tipografia CALDENSE*
— em Abrantes pelo Snr. *Rómulo Neto Lemos*
— em Águeda na *AGÊNCIA CONDE*
— em Alcanena pelo Snr. *Manuel dos Santos Coelho*
— em Alcobaça na firma *José Narciso da Costa Sucs.*
— em Lisboa no *Quiosque de S. Paulo*

UMA OBRA ADMIRÁVEL
DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

(Continuação da 1.ª página)

Quais os objectivos do Centro de Cardiologia?

A esta pergunta, responde, ainda, o dr. João Porto:

O Centro tem a ambição de realizar, no centro do país, um programa de medicina social que se pode resumir, nas suas linhas gerais, da seguinte forma:

1.º—Auxiliar econòmicamente o cardíaco, para que ele consiga fazer o tratamento devido;

2.º—Atender, quando tal convenha, o padecente no domicílio, de modo que ele aí possa seguir fielmente a terapêutica prescrita;

3.º — melhorar as condições higiénicas da sua habitação ou as condições materiais do seu trabalho;

4.º — promover a orientação vocacional dos cardíacos jóvens, aconselhando-lhes o tipo de profissão mais compatível com as suas possibilidades físicas;

5.º — reeducar profissionalmente os cardíacos adultos, orientando-os para mester mais suave, por forma a poderem bastar-se a si próprios, sem prejuízo da sua saúde;

6.º — amparar, finalmente, aqueles que tenham atingido os extremos da invalidez.

* * *

A actividade do Centro em 1947 pode avaliar-se pelos seguintes números:

O número de inscrições foi de 491, de consultas 2.007, de tratamentos 13.336, de electrocardiogramas 566, de radiografias 118, e de análises de urinas, Wassermann, ureia, etc. 381.

E o sr. dr. João Porto comenta:

«Se atendermos a que todos ou pelo menos a grande maioria dos doentes assistidos residem ou residiam na cidade e esta tem uma população de 40.000 habitantes, fica-se a fazer ideia do elevado número de doentes desta categoria e não deve haver grande esforço em se aceitar a justificação da Obra em cidades menos populosas mesmo. Por isso, o Centro de Cardiologia Médico-Social, o primeiro que se criou em Portugal, pode ser apontado como experiência que provou e, creio, justifica a fundação de outros em todas as capitais de distrito, como já lembrei num programa de Assistência Médico-Social aos Cardíacos, no nosso país».